

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão

Entre delírios e contos:
(doces?) composições em aberturas de possíveis em educações

Juiz de Fora,
2019

Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão

Entre delírios e contos:

(doces?) composições em aberturas de possíveis em educações

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração: Educação Brasileira-Gestão e Práticas Pedagógicas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margareth Aparecida Sacramento Rotondo.

**Juiz de Fora,
2019.**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Paixão, Leiliane Aparecida Gonçalves.

Entre delírios e contos: (doces?) composições em aberturas de possíveis em educações / Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão. – 2019.

94 p. : il.

Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.


1. Educações. 2. Salas de aula. 3. Formação docente. 4. Pesquisar. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento, orient. II. Título.

LEILIANE APARECIDA GONÇALVES PAIXÃO

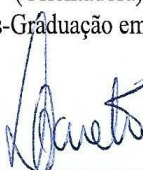
Entre delírios e contos:

(doces?) composições em aberturas de possíveis em educações.

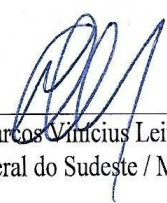
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:




Prof.ª Dr.ª Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
(Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFJF



Prof.ª Dr.ª Sônia Maria Clareto
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFJF



Prof. Dr. Marcos Vinicius Leite
Instituto Federal do Sudeste / MG



Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFMG

Juiz de Fora, 25 de fevereiro de 2019.

*Dedico este trabalho a Irene Martins Gonçalves Paixão, mãe, Luiz Mauro da Paixão, pai, e irmãos Thiago Luiz Gonçalves Paixão e Luiz Fernando Gonçalves Paixão pela paciência e confiança. Agradeço a tod@s pelos belos e potentes encontros.
Gratidão pelo presente da presença de vocês nessa travessia
chamada vida!
OBRIGADA!*

*Entre delírios e contos:
(doces?) composições
em aberturas
de possíveis
em educações*



RESUMO

Uma pesquisa arrisca produzindo-se em aberturas de possíveis num entre educações. Com ela vêm outros modos de experimentar outros territórios. Outros modos de pesquisar. Outros modos de experimentar em formação. Arrisca-se com e num desconhecido. Pesquisa vaza em outras invenções de vida em contação de histórias. Pesquisa compõe em meio a tantas educações. Trama em salas de aula, em contos, em delírios, em formações, em oficinas e e e. Provoca vazamentos com Ive em CTI, em pesquisa, em salas de aula, em oficinas, em... I(n)VE(nções). Exercita: que produções de vida nessas educações? Vida em transbordamento coloca tensão em educação, numa escola, em formação docente. Trama com um existir. Inventa numa produção acadêmica. Um, dentre os muitos fios, torna-se disparador da escrita dissertação: diabetes. Uma trama com diabetes problematiza educações e seus entornos. Fazer delirar uma doença enquanto condição de existir. Torções numa doença produz um pesquisar. Junto, nesse dissertar, vêm: formigas, música, poemas, fotografias, rizoma, amigos, escola, educações, salas de aulas de matemática, oficinas de formação docente, recreios. E inventa-se com Deleuze, com Guattari, com Nietzsche, com Kastrup, com Rotondo, com Clareto, com Leite, com Fernandes, com Silva, com Barros, com Mendes, com Belcavello, com tantos outros e outras. Encontros compõem essa travessia chamada vida em seus possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Educações. Salas de aula. Formação docente. Pesquisar.

ABSTRACT

A research takes risk producing itself in openings of possibles in between educations. With that, comes other ways of experimenting different territories. Other ways of researching. Other ways of experimenting in teacher education. One takes risk with and in the unknown. Research leaks in other life inventions and in storytelling. Research composes in between so many educations. Tapestry in classrooms, in tales, in delirium, in teacher education, in workshops, etc. It causes leaks with Ive in the ICU, in research, in classrooms, in workshops, in... I(n)VE(ntions). It exercises: what productions of life in these educations? Life in overflow puts tension in education, in a school, on teacher education. Tapestry with an existing. Invents in an academic production. One, between many threads, becomes a starter to the dissertation writing: diabetes. A tapestry with diabetes problematizes education and its surroundings. It makes a disease into a delirium as a condition to existing. Twists in a disease produces a research. Together, in this dissertation, comes: ants, music, poems, photographs, rhizome, friends, school, educations, math classrooms, teacher training workshops, recesses. And it is invented with Deleuze, with Guattari, with Nietzsche, with Kastrup, with Rotondo, with Clareto, with Leite, with Fernandes, with Silva, with Barros, with Mendes, with Belcavello, and with so many others. Encounters compose this journey called life in its possibles.

KEY-WORDS: Educations. Classrooms. Teacher education. Research.



Sumário

Miguel e <i>A Guerra dos Tronos</i>	9
Invasão de formigas	10
Entre urina, açúcar e formigas	13
Sala de aula de matemática e horizontal: de erro a besteira!.....	16
Fechamento ou abertura de uma cortina? Invenções de outras vidas!	25
Entre expressões matemáticas	31
Ive e ruídos e recreio e (en)cantos	32
Entre diabetes e uma sorveteria: um (doce?) conto de uma vida!	38
Nome no quadro!.....	40
Miguel, quantas salas de aula são produzidas em uma sala de aula?.....	45
Entre aprendizagens, conceitos, notas, provas, discursos!	50
Quadrado Mágico: invenções com regras!.....	56
Oficina de produção matemática: Dominó de quatro pontas, que pode?	63
Que pode uma oficina com “Torre de Hanói”?	68
Em sonhos, Ive vagueia numa aula de polinômios: “Quase acertei”!	72
Ive e supermercado: invenção!.....	78
Atividade do dia: números Amigos!	80
Delírios	83
As maravilhas de cada mundo	84
Por ora: silêncio [Ou, que vem com delírio?]	85
As maravilhas de cada mundo	84
Por ora: silêncio [Ou, que vem com delírio?]	85
Por ora: I(n)VE(nções)	86
Referências.....	87

Vida: um coração que tenho aqui dentro¹!

Miguel e *A Guerra dos Tronos*

O que envolve Miguel neste mundo?

Movimentos. Mal guarda o livro *A Guerra dos Tronos*, já o pega novamente e o coloca sobre a carteira escolar, por cima do livro didático! Nessa travessia, uma aula.

Aula de matemática (só matemática?): polinômios!

Quantas salas de aula são inventadas numa sala de aula? O marcador de livro de

Miguel encontra-se quase no meio do livro...

Miguel habita outro mundo, junto a tantos outros movimentos em sua volta!

Quantas salas de aula são inventadas numa sala de aula?

Invasão de formigas

Formigas invasoras alertam uma casa e menina Ive. Ocupam um banheiro. Cômodo escolhido pelas intrigantes formigas dançantes. Bailam e giram no vaso sanitário. Procuram pelo que? Procuram restos de comida? Alertam? Desconfianças. As formigas chegam de mansinho, habitam outros lugares, diferente dos quais estão acostumadas. Saem dos muros da laje e adentram na casa de Ive: num dia vêm mais formigas, noutra dia, menos. Um fora

invade a casa de Ive, anuncia algo.

Anúncio de um perigo? Um alerta?

Para quem? Um alerta para a menina

Ive, que de início estranha, junto a

sua família, o aparecimento de

formigas no banheiro de casa. Não

entendem aquela composição.

Banheiro, urina e formiga - um trio

parece alertar Ive de algo.

AS FORMIGAS² VIVEM ORGANIZADAS POR TAREFAS: ASSIM, COMO AS ABELHAS, AS FORMIGAS FORMAM UMA COLÔNIA ONDE CADA UMA TEM A SUA TAREFA. É DESTA FORMA QUE CONSEGUEM SE ORGANIZAR E GARANTIR QUE NÃO FALTARÁ ALIMENTO. EM GERAL, AS FUNÇÕES SÃO DIVIDIDAS EM: OBREIRA, SOLDADO, OPERÁRIO E RAINHA.

Como assim? Será possível estabelecer alguma relação com esse trio?

Desconfianças surgem: será que farelos e restos de comida caíram pelo chão? Em pleno banheiro? Como assim? Ive encafifa. Estranha esta situação. Ive observa que nem todos os dias as formigas visitam seu banheiro. Às vezes esse acontecimento se dá, mas não com frequência. Ive não entende por que avista estas formigas cambaleantes pelo vaso de seu banheiro, não são muitas, mas causam estranhamentos e algumas suspeitas. Sua mãe brinca: “Parece até que tem doce no chão, Ive! Não entendo como essas formigas vieram parar aqui. Vamos lavar o banheiro, assim, matamos essas formigas!”.

Ive acata a solicitação de sua mãe e coloca-se na lavação do banheiro.

Pensa Ive: com o banheiro limpo será difícil que outras formigas invasoras apareçam. Passam-se alguns dias. Ainda com toda limpeza e seus cheiros de desinfetantes e água sanitária, as pequenas formigas são avistadas novamente e passeiam pelo vaso sanitário de cor cinza, fazem círculos em sua superfície. Parecem bailar, agitam-se e excitam-se pelo vaso sanitário.

Junto à agitação das formigas, vem por vezes um movimento que lembra um passeio organizado, todas enfileiradas bailando num mesmo sentido. Ive passa a observar seus movimentos e modos de existir.

Modo formiga no banheiro de Ive.

Em alguns dias é possível observar o sumiço delas e, em outros dias, lá estão elas, trilham e habitam novamente o vaso sanitário de cor cinza do banheiro de Ive.

Já tarde, Ive caminha para sua cama, os pensamentos vagam e as formigas, em alguns momentos, invadem seus pensamentos. Lembra-se de alguém dizer que as formigas anunciam algo e, muitas vezes, revela que alguém pode estar se tornando diabético. Que loucura, pensa Ive... Será que uma formiga se aproxima pelo cheiro da urina? Como assim? Existe urina adocicada? Quanto de açúcar uma urina pode ter? A menina não entende o

aparecimento das pequenas criaturas. Sem sentido para Ive. De onde vinham? Para que vinham? Estará uma vida sendo consumida pelo açúcar? Sinal de excesso de açúcar na urina? Excessos numa vida? Transbordamentos?

Quando as formigas começam a habitar o banheiro de Ive, as desconfianças se aproximam e seus pensamentos martelam pois, as pessoas de mais idade, conhecidas da família, dizem: “Ver formigas adentrando em casa, é sinal de doença, cuidado!”. Formigas invadem um banheiro, alertam perigo. Que vem? Senhora Dita vive contando seus casos de vida. Num dia, como quem não quer nada, conta para Ive uma curiosidade da vida: “Quando eu era mais nova, fiquei sabendo que os médicos experimentavam a urina dos seus pacientes para descobrir algumas doenças e eles

É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar³.

notaram que os sabores de algumas urinas eram mais adocicados, outros não. Muitas vezes, se é doce de mais, descobriam diabetes”. Senhora Dita ainda disse que o nome mesmo é Diabetes Mellitus, Mellitus porque vem de doce, o corpo fica docinho, o sangue engrossa que só. Pensa a menina Ive: que senhora danada, como ela sabe dessas coisas? Desconfia Ive. Amedrontada com a história toda, não quer acreditar nessas crendices. Ive, não descarta a hipótese de dona Dita, pois apresenta dores e lentidão que tomam seu existir.

Resiste, insiste com uma vida de quase falência.

Formigas invadem um banheiro e causam desordem, geram tensões em vidas. É

verão, Ive com os pensamentos em reboiços

De certo modo acredito na sabedoria dos velhos e, além disso, sinto que essa é a época em que se comete um dos crimes mais horrendos: o negar-se a escutá-los⁴.

incomoda-se com a fala da senhora, então, resolve marcar uma consulta para averiguar o cansaço do corpo.

Com a consulta marcada, segue para o endocrinologista: “Doutor

Guilhermino venho percebendo que estou

fraca, coração anda palpitando rápido demais, uma sede insaciável! Não tinha isso não, doutor! Estou perdendo peso e um cansaço nas pernas vem me tomando há alguns dias”. O doutor, já sabendo do tratamento que Ive faz do hipertireoidismo, solicita exames referentes à sua tireoide e, então, um futuro retorno para certificar-se dos valores de seu resultado e ajustar a dose do seu remédio. Entre fraquezas, lentidões e formigas: vida estremece. Ive surpreende-se antes da sua volta ao médico. Uma explosão de órgãos toma Ive num domingo à tarde, em seu quarto, só pensa em dormir. Fraqueza e tontura a dominam. Seu estômago não consegue ingerir nenhum tipo de líquido, nem alimento. O que ingere é expulso violentamente. Nessas expulsões uma vida pede ar, embaralham-se palavras, olhos se fecham lentamente, a boca seca, sente sede, delira.

Uma vida entra em estado de falência e delírio, chega ao máximo: apagamento provisório da menina Ive.

Uma vida chega ao topo, numa tarde de verão, 31 de novembro de 2014!

Entre urina, açúcar e formigas

Como o quadro de quem apresenta Diabetes *Mellitus* relaciona-se com urina e açúcar? Em geral, a pessoa que apresenta um diabetes descontrolado, conta com uma alta taxa de glicose (de açúcar) circulando no sangue. O sangue é filtrado nos rins e, como as moléculas de glicose são pequenas, passam com facilidade pelos glomérulos. Para o nosso organismo não é interessante perder glicose, visto que ela é uma de nossas principais fontes de energia.

A glicose que atravessou os glomérulos é reabsorvida no final da filtração do sangue.

Tal mecanismo é muito eficiente e há diferentes valores de glicose aceitáveis no sangue. Sendo assim, se a concentração de glicose (no sangue) estiver acima do limite que os rins conseguem reabsorver, a glicose passará para a urina, isso pode fazer com que formigas apareçam ao redor do vaso sanitário, devido à atração por doces.

Uma pessoa que tem a glicemia com até, aproximadamente, 180 mg/dl (180 miligramas por 1 decilitro) de açúcar no sangue pode ainda não ter se tornado diabética,

mas deve realizar exames para acompanhar as taxas de glicose no sangue.

AS FORMIGAS CONTRIBUEM PARA TRATAMENTOS DE DOENÇAS [OU PARA ALERTAR ALGUMAS]. ALGUMAS CULTURAS UTILIZAM AS FORMIGAS PARA FAZER INFUSÕES COM CACHAÇA E TRATAR REUMATISMOS.

Em diabéticos com glicemia maior que 180 mg/dl, provavelmente, haverá presença de açúcar na urina. Porém, mesmo sendo pessoas diabéticas, caso a

glicemia esteja menor que 180 mg/dl, dificilmente haverá glicose nela.

Tal situação indica que os rins estão conseguindo reabsorver a quantidade de glicose presente no sangue. Destaca-se, ainda, que, a glicose na urina pode aparecer não só nos diabéticos descontrolados, mas nas pessoas que tentam realizar o controle da alimentação e/ou utilizam medicamentos ou, ainda, aqueles(as) que praticam exercícios físicos com o intuito de contribuir com seu controle glicêmico.

Em alguns casos pode ocorrer alteração no limite de reabsorção da glicose pelos rins, considerando a ingestão de outros medicamentos ou na gravidez⁵.

Sala de aula de matemática e horizontal: de erro a besteira!

*O que pode esta escola, que [muitas vezes] lhe tira o ar, o alimento, uma sadia vitalidade, oferecendo-lhe ao contrário o mofo, os fungos que apodrecem e decompõem?*⁷

Uma atividade matemática⁸ é realizada no 3º ano do Ensino Fundamental.

Tita chega à escola antes de seus alunos. Ive também. Ela acompanha a professora na arrumação das carteiras escolares e na organização do material para a aula.

Durante a arrumação dos materiais, cochichos em direção a Ive:

A turma é alfabetizada e a atividade pode ajudá-los a interpretar o que se pede no enunciado. E eles têm muita dificuldade! E foi a turma que pediu exercícios de problemas matemáticos!

Acabando a arrumação, a professora segue para o quadro e escreve: “Problemas matemáticos com registros em gráficos”.

Compondo a atividade: balas, folhas em branco para registro dos escritos, folhas de gráficos, operadores matemáticos (+, -) em quadradinhos de papel e impressões de carinhas (João e Maria).

A turma vai chegando e começa a ser dividida em grupos. As crianças aguardam e estranham a disposição das carteiras em sala. Umas batem os pés, outras conversam e comentam a respeito do cheiro que exala das balas. Aguardam pelo que vem.

Chegam os saquinhos de balas com cores e sabores para cada grupo e um alerta da professora:

Não é para comer, hein? Vamos trabalhar com as balas primeiro...

Vêm para as carteiras: saquinhos de cor vermelha, neles, a quantia de 9 e 6 balas; os de cor amarela, 8 e 3 balas e os de cor verde, 6 balas em cada saquinho.

Entre os cheiros: aula de matemática banhada por balas, matemática e contagem...

Professora lança uma primeira pergunta:

Ana, quantas balas tem no saquinho vermelho do seu grupo?

Ana atende ao pedido num tom de voz tímida, porém aguda. Conta: *1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8... Oito balas?*

Serão oito mesmo? Indaga Tita e solicita outra contagem.

Uma contagem no coletivo: *1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.*

NOOOVE balas, não é turma? Enfatiza a professora.

Prossegue com a fala:

Vamos registrar na folha do gráfico a quantidade de balas encontradas no saquinho de Maria e depois registrar as encontradas em João.

Mãos inquietas mexem nas balas, algumas caem pelo chão da sala, tentam abrir suas embalagens, contam e organizam de uma em uma, de duas em duas... Inventam modos outros de operar. Experimentam no risco. Inventam possibilidades com matemática.

Outro grupo conta no coletivo:

1, 2, 3, 5, 6, 8... Um aluno percebe que pularam números.

Ih, cadê o quatro? E o sete?

Começam a contar de novo:

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Uma voz vem certa:

Tem nove balas gente, agora deu certo!

Outro alerta na voz de Tita:

Vamos registrar os valores que encontramos no gráfico, na posição vertical. Ouviram? VER - TI - CAL! Cada um registra em sua folha de gráficos e façam com atenção, hein?

Vertical delira em modo silábico.

VER

TI

CAL

Ordem: gráfico na vertical!

No quadro, a representação da folha na posição vertical, desenhada pela professora. Fala num tom mais firme e alto:

Vejam aqui, barrinha deitada: é chamada de horizontal. Barrinha em pé: falamos que está na posição vertical. Então, vamos colorir o gráfico marcando a quantidade de balas encontradas em “Maria” na posição vertical. Depois registrem a de “João”. Atenção: não é na horizontal!

Aula de matemática banhada com balas, cheiros, cores, matemática, contagens, problemas, gráfico, vertical, horizontal, ordem!

[...] a ordem se apoia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do

enunciado-sujeito de enunciação etc.). Mais do que o senso comum, faculdade que centralizaria as informações, é preciso definir uma faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir palavras de ordem. A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer⁹.

Professora segue para o quadro: desenha um gráfico na horizontal e um xis perpassa sobre ele. Um corte, um erro. X = não pode errar! Erro.

Esperam-se acertos numa sala de aula.

~~ERRO~~

E a professora continua:

Depois de marcarem a quantidade de balas de João e Maria, respondam estas perguntas... Façam com atenção o registro no gráfico.

- *Qual a quantidade de balas que eles, Maria e João, têm juntos?*
- *Quantas balas João tem a mais que Maria?*
- *Quantas balas Maria teria que ganhar para ter o mesmo que João?*
- *Se João ganhar mais duas balas com quantas ele irá ficar?*
- *Se Maria der duas balas para sua irmã, com quantas ficará?*

Numa das mãos, lápis de cor.

Na outra, balas cheirosas são contadas, convidam a ser saboreadas.

Entre a produção do gráfico, conversas atravessam os grupos.

Numa das vozes, uma pergunta:

Caio me empresta seu lápis de cor?

Na voz de Leonardo vem uma dúvida da atividade:

Não entendi a pergunta que a tia fez, qual que foi?

Leonardo mal termina a frase e vem: *Cala a boca, menino!*

X = não pode falar! Erro.

Silêncio, esperado numa sala de aula.

~~ERRO~~

Silêncio instaurado!

Não é hora de falar não. Estão falando demais, agora é hora de concentrar, não quero ouvir um pio! A questão já foi feita. Presta atenção na aula, não vou repetir mais nada não. Fica mais esperto, vai fazer sua atividade.

Gráficos são produzidos em silêncio.

Sem direito a repetição da questão.

Aula silenciada: *Cala a boca, menino!*

Cor, vida e sabor em meio a silêncios...

Quanto de cor, vida e sabor há num silêncio?

Aula silenciada:

Cala a boca, menino!

~~*Não entendi a pergunta que a tia fez, qual que foi?*~~

X = não pode falar!

Erro.

Acertos e silêncios, esperado numa sala de aula.

Silêncio toma conta de Leonardo em rosto outro.

Seu olhar caminha para fora da janela trincada da sala de aula. Janela de vidro trincado compõe com arranhaduras, respiros, fissura, X, gráfico, ar, Leonardo, voos... De uma janela trincada a uma invenção: menino-pássaro!

Leonardo arrisca em voos.

Arrisca com asas inseguras.

Leonardo: menino-pássaro trama com uma aula de matemática silenciada.

Leonardo e seus respiradouros numa janela trincada.

Riscos e rabiscos numa folha de gráfico: horizontal!

Erro: confirmação do pensamento dogmático.

Leonardo, embolado na primeira questão, registra no gráfico. Lentidão. Outras perguntas são feitas, seguem atropelando as produções em curso.

Aula de matemática silenciada: *Cala a boca, menino!*

Leonardo fica com seu silêncio, respira em janela trincada.

Segue em seu exercício!

Professora passa pelas carteiras.

Observa o gráfico de Leonardo: horizontal. Erro: negativo do pensamento.

Vertical: palavra de ordem. *Façam o gráfico na vertical.* Comando dado como o correto. Horizontal: erro.

O erro numa imagem dogmática do pensamento chega como uma “desventura do pensamento¹⁰”. Sendo assim, o erro “é apenas o reverso de uma ortodoxia racional e ainda testemunha em favor daquilo de que ele se desvia, em favor de uma retidão, de uma boa natureza e de uma boa vontade daquele que é dito enganar-se¹¹”.

Gráfico na horizontal: erro.

Erro: confirmação de um pensamento dogmático. Uma não confirmação da verdade. Um erro inquieta certo modo de pensamento. Erro pode ser corrigido, conserta-se, segue no caminho do acerto. De horizontal a vertical: acerto. De vertical a horizontal: erro.

Leonardo: desvios na produção de gráficos. Gráfico na horizontal: erro!

Erro: desvio do tido como o correto. Rompe palavras de ordem.

Outro cochicho vem em direção a Ive:

Ele não tem jeito não, deixa ele pra lá.

**AS FORMIGAS MACHOS SÓ SERVEM
PARA A REPRODUÇÃO; ENQUANTO
ALGUMAS SOCIEDADES SÃO
MACHISTAS, A DAS FORMIGAS
FUNCIONA DE MANEIRA CONTRÁRIA;
DEPOIS DO ACASALAMENTO COM A
RAINHA, AS FORMIGAS MACHOS
MORREM.**

Peço uma coisa e ele sempre faz outra, é assim!

Toda vez é isso!

Ele não tem jeito: não mais erro!

Deixa pra lá: gráfico na horizontal de Leonardo, besteira.

Horizontal: besteira.

Na impossibilidade do acerto e de seguir na vertical, erro é tomado por besteira.

Um *deixa pra lá* produz existência. Produz besteira. Leonardo e um gráfico na horizontal.

A besteira, uma desrazão, pode ser tratada por meio de medidas do campo moral, relativas à fuga completa do tema a ser estudado, um completo absurdo. Um pensamento que não se encaixa, desconsiderado, que não se aproveita¹².

Leonardo chama a professora e diz que a sua atividade está pronta. A professora se aproxima e, com os olhos, uma recusa se dá.

O sino finaliza a aula. Leonardo se levanta com a folha do gráfico nas mãos. Coloca-a na mesa.

Na mesa um gráfico na horizontal afirma em assinatura: Leonardo!

Ive trama com uma sorveteria: água com gás, por favor!

Miguel trama com livro didático e “A Guerra dos Tronos”...

Tramas com aula de matemática, com vida, com fissuras!

Gráfico na horizontal sobre a mesa.

Horizontal!

Erro tomado por besteira!

Ive... Ive... Acorde! A janela perto de sua cama está trincada... O que aconteceu por aqui, hein? Irei dar um jeito nisso, diz Wilson!

Wilson toma uma fita isolante de cor preta e a coloca no trincado da janela fazendo o formato de um X...

Besteira!

>>> *“Ninguém sabe o que virá,*

o que vai querer,

onde,

o que vai fazer,

se poderá fazê-lo.

Por isso a vida é tanta.

E tão breve¹³”. <<<

Fechamento ou abertura de uma cortina? *Invenções de outras vidas!*

Tarde de domingo, 13h32.

No cenário: um quarto, objetos colocados sobre a penteadeira ajudam a decorá-lo. A persiana está entreaberta na janela, permite a entrada de ar e de luz, como gosta Ive. Ela fica por ali um bom tempo: estuda, entra em redes sociais, ouve músicas, usa celular, dentre outras atividades.

A hora do almoço a chama pelo cheiro, pelos dotes culinários de sua mãe Lisa e pelo ronco do estômago que reclama por algo. Junto à fome, um mal estar toma conta de uma vida com arrepios.

Dores de cabeça em meio a giros, moleza nas pernas, nos braços, nos músculos, falas mansas, emboladas e curtas teimam em aparecer. Fraqueza tende a tomar uma vida, imagens distorcem, viram outras, devoram Ive.

Algo estranho nessa dor e lentidão, revira em sua cama. Olhos cansados, boca seca e pele pálida. Vida se (com)torce, prestes a uma explosão, solicita ar, precisa de

AS FORMIGAS TAMBÉM FAZEM PARTE DA NOSSA ALIMENTAÇÃO; A FORMIGA IÇÁ, POPULARMENTE CONHECIDA COMO TANAJURA, FAZ PARTE DO CARDÁPIO DE ALGUNS RESTAURANTES NO INTERIOR DE SÃO PAULO E EM OUTROS ESTADOS BRASILEIROS. UM DOS PRATOS FAVORITOS DA POPULAÇÃO LOCAL – E MAIS CONSUMIDOS POR ELA – É TORRADA COM FARINHAS DE MANDIOCA, ONDE AS FORMIGAS SÃO UTILIZADAS PARA DAR CROCÂNCIA.

ar, de respiradouros em meio a delírios. Uma vida em lutas, em resistências. Esforça-se para firmar, ficar de pé, mas uma força a puxa para breves adormecimentos.

Ive acredita que ao despertar passará seu estado de fraqueza, como uma dorzinha que logo passa.

alivie, pensa a menina.

Toma.

Sua boca expulsa como se seu corpo já estivesse saturado daquele medicamento.

Um sal de fruta talvez

Com os olhos pouco abertos, as linhas de luzes já não apresentam tanto seu brilho reluzente. O brilho do sol distancia da cortina, distancia daquela vida que luta para se manter firme até que, num breve instante de tempo, perde seus sentidos.

Palavras já não respondem, não seguem uma linearidade.

Voz lenta e delirante, quase se apaga.

Delira insistentemente:

Água! Quero água...

Mais parece um estado drogue que deseja água pela secura da garganta que, quase dá nó, secura imediata e intensa da língua. Alucinações. Algo não vai bem. Menina alegre, sempre com sorriso largo estampado em sua face.

Os órgãos trabalham em caos. Perdem-se, temporariamente, as rimas dos órgãos dançantes e vibrantes numa vida que luta para se levantar. Menina Ive luta e resiste e insiste num viver.

Um caos interno é instalado na menina.

AS FORMIGAS POSSUEM DIFERENTES EXPECTATIVAS DE VIDA; ENQUANTO UMA FORMIGA OPERÁRIA POSSUI UMA EXPECTATIVA DE VIDA DE SETE ANOS, A RAINHA PODE VIVER O DOBRO, CHEGANDO ATÉ 14 ANOS DE VIDA. OU SEJA, ATÉ NO TEMPO DE VIDA, OS PRIVILÉGIOS SÃO DA RAINHA.

Intensiva (CTI) do hospital.

Pensamentos deliram.

Aguardam notícias.

[...] O tocar é, com efeito, muito mais do que um sentido do contacto: é o sentido da presença e leva a experiência do encontro; tocar é ao mesmo tempo, ser tocado por aquilo que se toca: o olho pode ver sem ser visto, a orelha escuta sem ser ouvida, mas a mão não pode tocar sem ser, ela própria tocada¹⁴.

Um caos e uma falência provisória.

Do caos a um silêncio. Nada vê, escuta ou fala. Ive e um apagamento.

Um apagamento provisório faz o cenário da vida de Ive escurecer.

Apagamento.

No acontecimento: tensões.

As preocupações vêm à tona, ainda mais quando as notícias são de que Ive está abrigada no Centro de Tratamento e Terapia

*Mas sei que uma dor
assim pungente
não há de ser inutilmente
a esperança...
dança na corda bamba
de sombrinha
e em cada passo dessa linha
podê se machucar... Azar!
A esperança equilíbrista
sabe que o show de todo
artista tem que continuar¹⁵
[...]*

Pelo telefone do hospital, a mensagem:

“O quadro da menina não apresenta melhoras”...

Tensão: o que há com Ive?

Depois de alguns dias, logo vêm o diagnóstico: diabetes.

Tempo cronos marca o diagnóstico com data, hora, minutos...

Um diabetes procura por um ritmo numa vida.

**NAS ORIGENS, QUANDO DA PRIMEIRA
HIEROGAMIA CÉU-TERRA, O SEXO DA TERRA
ERA UM FORMIGUEIRO. NA ÚLTIMA ETAPA DA
CRIAÇÃO DO MUNDO, ESSE FORMIGUEIRO
TORNOU-SE UMA BOCA, DE QUE SAÍRAM O
VERBO E SEU SUPORTE MATERIAL, A TÉCNICA
DA TECELAGEM, QUE AS FORMIGAS
TRANSMITIRAM AOS HOMENS¹⁷.**

*Na área externa do hospital, uma árvore
grande e bonita cede algumas sombras.*

*Lugar de calma. Pensamentos vagam junto
aos cantos dos pássaros e o frescor que a
sombra da árvore cede.*

Árvore e canto de pássaros: compõem um viver.

Compõem respiros num acontecer.

(Res)pirar.

Ar.

*Um labirinto que é, então, a
forma disforme que assume
nossa língua e nossa vida
para poder ser narrada¹⁶.*

*Suas oscilações preocupam,
para não haver outros picos,
outros apagamentos.*

*Ive tenta se equilibrar na
corda bamba da vida, que
ora bambeia ora se firma.*

Vida, aparentemente falida, durante um dia e meio, desperta de seu apagamento provisório. Tenta compor-se com o caos instalado em seu viver. Vida luta e pulsa num Centro de Tratamento e Terapia Intensiva (CTI) durante longos e intensos seis dias, com seus muitos exames, testes de glicemias, silêncios, vazios, sons das máquinas com pi pi pis intermináveis, com enfermeiro Wilson... Maquinaria, médicos(as), enfermeiros(as) com jalecos brancos, com insulinas, com seringas, com medições da glicemia, com...

Uma doença numa vida. Doença como condição de existir.

A COLÔNIA DE FORMIGAS É GIGANTE. CADA FORMIGUEIRO POSSUI, EM MÉDIA, 100.000 FORMIGAS. ALGUNS FORMIGUEIROS PODEM SER PROFUNDOS: EXISTEM FORMIGUEIROS DE ATÉ 12 M DE PROFUNDIDADE, CONFORME ESPÉCIE.

Acontecimentos do dia-a-dia embalam ao som do tic tac pregado na parede que deixam Ive mais dispersa. A menina, atenta, observa e escuta seus vizinhos de maca pelas cortinas entreabertas do CTI. No quarto que Ive se encontra, é possível observar outros pacientes ao seu lado.

Os quartos, separados por cortinas de cor bege e com uma numeração para a identificação do paciente. Forçando um pouco o corpo e o olhar, Ive vê seus vizinhos, cada qual com seu diagnóstico. Um senhor ao lado, que atende pelo nome de Ney, aparentemente, com seus oitenta anos, chama a atenção de Ive.

Toda vez que a enfermeira o leva para o banho, uma reclamação sem fim acontece. Talvez pelas dores de seus ferimentos ou a simples vontade de não tomar banho. Os dias, bem quentes, mês de dezembro, porém, nem com a quentura do mês, não o deixa mais animado para se banhar. O senhor reclama e a enfermeira com seus argumentos de convencimento, insiste: “Tem que tomar banho sim, senhor Ney! Tem que ficar limpinho, sua família virá visitar o senhor e não te vê arrumadinho, aí pronto, vai trazer problema pra gente“! Senhor Ney chegou ao hospital um dia após Ive, que, acordada e ciente de seu quadro, observa atentamente os acontecimentos ao seu redor. Passados dois dias que já está internado, senhor Ney não consegue resistir às suas dores. A menina, inquieta na sua cama, escuta um telefonema dado pelo enfermeiro. No telefonema, o enfermeiro diz à família que o senhor Ney acaba de falecer.

As enfermeiras de plantão preparam a arrumação do quarto. A menina Ive, com a cortina entreaberta, visualiza a cena. A arrumação se dá com rapidez, coisa de minutos, outro alguém habita aquele número treze, aquele espaço.

Noutro dia, para alegrar menina Ive, seus irmãos infiltram um celular antigo, desses que só ligam, recebem e enviam mensagens. Isto só foi possível com a ajuda de uma das enfermeiras, amiga da família. A menina toma cuidado, discretamente, mexe nos botões do velho celular, avisa seus amigos que está melhorando e guarda o celular, para não chamar atenção dos vizinhos pacientes e da enfermaria. O velho celular pretinho, pequeno, sem muitas funções alegra os dias de Ive, ajuda com o passar dos segundos no tic tac pendurado na parede.

Neste cenário, outra alegria, o enfermeiro da noite: Wilson. Anima Ive - cantarola, brinca, conta histórias engraçadas de sua noite de bailes afora, penteia o cabelo, afere a pressão e glicemia. Além do seu cuidado como enfermeiro noturno, organiza também, processos administrativos. Mantém sempre seu largo sorriso e suas boas histórias com Ive, que dá altas gargalhadas com ele nas madrugadas afora. Menina de riso frouxo. As noites tornam-se divertidas com o presente da presença de Wilson.

Mo(vi)mentos alegres!

Menina, ansiosa, conta os minutos para chegar o dia de ir para o quarto e, logo, para casa.

Entre expressões matemáticas

Tratar a escrita como fluxo, não como código¹⁹.

Uma vez, Isa, aluna de uma escola da periferia, perguntou ao professor se a escola estava doente?

Uma escola e seus adoecimentos.

Como se manter com os adoecimentos produzidos no sistema escolar?

Produz vidas cansadas?

Vidas cansadas, mãos e olhos entregues a lentidões, rastejam nas carteiras escolares. Esperam pelo o que vem.

O desejo de dormir impera; o interesse pelos conteúdos, distancia. Talvez não seja por não gostar ou por não querer, mas porque uma vida pesa quando um sistema escolar tende a sufocá-la. Como produzir outros modos de existir, no existir?

Não saber que: $-7x + 2x = -5x$ é um adoecimento?

Como produzir outros possíveis numa educação?

Como $-7x + 2x = -5x$ produz existir?

$-7x + 2x$ enquanto condição de existência.

Ar...

Desconfianças.

Que condição de existir, num existir?

Há um lugar a se chegar?

Que modos outros de existir numa sala de aula tornam-se possíveis?

Ar...

AS FORMIGAS TEM ORIGEM AFRICANA; A MAIOR FORMIGA DO MUNDO POSSUI 5 CM. ANTIGAMENTE, EXISTIAM FORMIGAS DE ATÉ 6,5 CM.

Ive e ruídos e recreio e (en)cantos

*O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem²⁰.*

Entre os delírios de Ive: um recreio cantante.

Chega à escola um recreio com seus (en)cantos!

O sinal anuncia seu início. Tempo demarcado: 15 minutos.

Chega um tempo demarcado, acelerado e rasteiro. Invade os cantos escolares.

Num recreio de 15 minutos, que vêm?

Quanto de invenção?

Um recreio com cantos e encantos²¹ acontece! (En)cantos!

Um recreio e seu tempo demarcado: 15 minutos.

Do meio da sala vem:

Vamos correr tia, se não o recreio acaba!

O correr do tempo no recreio chega, embrulha, desinquieta, arrasta, esquenta, esfria. Um recreio apressa passos num brincar, contorce estômago e músculos que desejam e clamam por mais tempo. O correr no recreio coloca vidas para brincarem às pressas. O tempo corre, vira monstro.

Faz outro tempo num viver.

Um recreio às pressas: esquenta e esfria.

Tempo corre: 02 minutos.

Brincadeiras num recreio.

Crianças produzidas e entregues ao acontecimento com a vida num tempo rasteiro. Crianças e cantigas de roda. Bia e Caio, puxam o coro para iniciar a roda. As crianças, empolgadas com o brincar, lançam-se em meio à diversão das cantigas de roda:

Anda, vem gente, se não vai bater o sino.

Nas cantigas e no corre-corre, um recreio cantante.

Um recreio e seus modos de brincar, de viver, de dobrar um tempo no existir.

Que condição de existir, num existir?

Uma escola e seu tempo demarcado.

Tempo corre: 5 minutos.

Brincadeira de roda: “Tororó”.

*Fui no Tororó beber água não achei
Achei bela morena que no Tororó deixei
Aproveita minha gente que uma noite não é nada
Se não dormir agora dormirá de madrugada
Ô Mariazinha, Ô Mariazinha
Entrarás na roda ou ficarás sozinha
Sozinha eu não fico nem ei de ficar
Porque tenho a Maria para ser meu par...*

Escola produz ruídos, (en)cantos junto a um recreio. Tempo demarcado segue no bater do relógio. Encantam? Enfeitiçam? “Encantam alunos e alunas disciplinarizando-os? Ou enfeitiçam? [...]. Encanto: crianças devem ser disciplinarizadas para que correspondam às normas da escola²²”.

Um recreio cantante e seus modos de existir.

Que condição de existir, num existir?

“Fui no tororó”, gritos, corre-corre, empurrões, brigas, diversão, sorrisos, bate-papo. O som das crianças junto às brincadeiras provoca delírios nos cantos da escola. Cantos ocupados com vida, com barulho, com canções.

Encantos nos cantos escolares?

(En)cantos: ocupações com um brincar às pressas.

Tempo corre: 09 minutos.

Brincadeira: Pular corda.

Nando, Léo e Sara brincam de pular corda, junto vem à música:

*Qual é a letra do seu namorado: A, B, C, D, E, F, ...,
ahhh errou, parou no F!*

Sua namorada vai chamar Fernanda... Anda, vai você agora Sara!

Vem na sequência a música “Foguinho” e lá vão eles(as):

Quem segura a corda? Deixa eu primeiro, gente! Tá bom, Nando, mas você é muito esperto, sempre quer começar primeiro a pular corda, amanhã vai ser eu, diz Sara.

*Salada, saladinha, bem temperadinha,
com sal, pimenta, fogoooo...*

Em meio a tantas vozes:

Anda gente! Vai bater o sino!

Palavras chegam como um grito, exige rapidez, pressa num brincar... Um brincar às pressas.

Uma escola e seu tempo demarcado: hora de entrar, hora de orar, hora de cantar o hino nacional, hora de estudar, hora de merendar, hora de brincar, hora de voltar à sala de aula, hora da saída, hora da atividade, hora de... Encantos nos cantos escolares.

*Corre cutia na casa da tia
corre cipó na casa da vó
lencinho na mão, caiu no chão,
moça bonita do meu coração,
pode jogar?
Não!
Ninguém vai olhar?
Não.
Jooooqueeeí!*

Aproveitando os últimos momentos, Laísa chama sua colega para a última música antes de irem para a sala de aula:

Tempo corre: 11 minutos.

Brincadeira: Cantiga: corre-cutia.

Agora vamos cantar a música de “D. Maria”, gente, corre, vamos logo!

As crianças, em roda, começam a cantar a música.

Ive percebe outra composição musical, diferente da canção antiga cantada em sua infância de escola e nas brincadeiras de rua.

Em outros tempos, no tempo de Ive, outras brincadeiras, outra letra desta canção:

*Corre cutia, de noite de dia de baixo da cama de D. Maria,
corre cutia, de noite de dia de baixo da cama de D. Maria.
Corre cipó na casa da vó,
Eu tinha um cachorrinho que chamava Totó.
Ele pula, ele dança numa perna só.
É 1, é 2, é 3.
Acabou sua vez!*

De uma professora, que conversa com Ive, vem:

Essa canção de D. Maria embaixo da cama, não pode cantar não, podem interpretar de maneira errada a letra. Ora, onde já se viu, D. Maria embaixo da cama, Ive! Isso não pode!

Dona Maria embaixo da cama, não pode não!

Num recreio cantante: que condição de existir, num existir? Uma (doce?) composição com educação ou abertura de possíveis numa educação? Desconfianças: inquietações junto a uma ordem e aos valores preestabelecidos.

Uma moralidade é instaurada num ambiente escolar. Instaurada na fala, numa canção. Censura-se pelo o quê? Discursos banham uma escola. Discursos invadem um CTI:

Tem que tomar banho sim, senhor Ney! Tem que ficar limpinho, sua família virá visitar o senhor e não te vê arrumadinho, aí pronto, vai trazer problema pra gente!

Entre moralidades e CTI e cantigas de roda num recreio...

“Atenção vagueia entre certo e errado. Encanto. Entre isso pode e o isso não pode. Escapes numa escola. Feitiço [...]. Feitiço: inventar em outro tempo, quebrando e rasgando o tempo cronos²³”.

Numa canção:

Dona Maria embaixo da cama, não pode não!

Num CTI: *tem que tomar banho sim, Sr. Ney!*

(En)cantos numa escola. Preocupações em limpar! Limpar o que não vai bem. Uma assepsia. Desinfestar, impedir que os germes cheguem. Impedir que as formigas criem rotas e corrompam os modos únicos existentes. Que condição de existir, no existir? Tempos de criar sentidos outros, de cantar invenções outras, de inventar-se criança, de inventar recreios, de inventar um existir, de inventar...

Encanto: lugar da representação, sem fios e fugas, sem escapes, sem desvios das capturas que nos cercam. Vêm nesse jogo: discursos políticos, orações, crenças, disciplina, regras, controle, hierarquias, moralidades. Um jogo que amarra modos ditos como únicos e verdadeiros. Vida entrelaçada por disciplina, possibilitando um rastro tímido de respiro, quando permite! Uma vida opera e abriga-se no lugar da segurança.

Dona Maria embaixo da cama, não pode não!

Tem que tomar banho sim, Sr. Ney!

Feitiços. Feitiço num recreio, numa escola, numa vida. Feitiços fazem com que os transtornos esbarrem em outro modo de vida. Perturba, dá nó, desassossega o pensar. Torcem formas, invadem as únicas respostas e os únicos modos de se fazer. “Vidas torcidas possibilitam arrombamentos num viver, procuram respiros, numa invenção com a vida²⁴”.

Um recreio com seu tempo demarcado.

Tempo corre: 15 minutos.

O som alto da campainha anuncia o fim do recreio!

Hora de retornar à sala de aula!

As horas passam, na cama do CTI, Ive remexe de um lado para o outro. Inquieta. Suor na nuca, mãos trêmulas, até que Wilson, enfermeiro da noite, a acorda.

Enquanto mede sua glicemia, Ive passeia nas histórias de seu tempo de menina.

Tempo de suas brincadeiras de roda e de pular corda...

Wilson, você conheceu a canção de “D. Maria” na escola?

Não, Ive! Como era?

*Corre cutia, de noite de dia debaixo da cama de D. Maria.
Corre cutia, de noite de dia debaixo da cama de D. Maria.
Corre cipó na casa da vó, eu tinha um cachorrinho que chamava
Totó. Ele pula, ele dança numa perna só.
É 1, é 2, é 3.
Acabou sua vez!*

Entre diabetes e uma sorveteria: Um (doce?) conto de uma vida!

Domingo de manhã! Um convite daqueles que é impossível dizer não, se apresenta. A turma de amigos(as) faz uma intimação para estar na sorveteria e lá jogar conversa fora, comer e falar besteiras, contar piadas, namorar, ver as pessoas passearem, cachorros também passeiam com seus(suas) donos(as). Um convite para estar com eles(elas)!

Céu azul, chamativo para uma saída acompanhado de um sol radiante. Um lindo azul convida para saborear um sorvete e suas

mais diversas composições – caldas e coberturas de vários sabores, confetes coloridos, chocolates aos montes e de diversos formatos, balas, canudos de chocolate, paçoca e

A FORMIGA “RAINHA” É MAIOR QUE AS DEMAIS FORMIGAS; PARA PREVALECER SOBRE AS DEMAIS FORMIGAS DA COLÔNIA, A RAINHA POSSUI UM TAMANHO DIFERENCIADO.

algumas opções de frutas, poucas, mas tem, na qual se destaca a banana e o morango. Chegando à sorveteria Ive faz uma opção para poupar sua saúde, a fim de evitar um aumento na sua glicemia, visto que seu pâncreas já não produz insulina suficiente para seu funcionamento: melhor não comer o sorvete e nem suas várias composições. Afinal de contas, isto pode levar a uma explosão de açúcar entranhada em seu sangue, que dificilmente seu pâncreas obedecerá à sua função - produzir um dos seus hormônios: a insulina.

A opção é feita:

- Por favor, vou tomar uma água com gás, senhor João!

Entre água com gás e sorvetes um encontro acontece com seus (suas) amigos (as). Histórias, músicas, risadas inundam a sorveteria que de início, em meio à variedade de doces oferecidos, parece um caos.

Como assim, ver todas essas delícias e não provar?

Fim ou invenção de outra vida?

Invenção.

Invenções com o que vem.

Com o que a vida oferece.

Outros encontros atravessam. Outras alegrias e outras histórias e outras pessoas vêm fazer companhia. Relações saborosas com uma água e suas borbulhas e suas linhas. Nessas borbulhas: quão doce é atritar com outros sabores produzindo encontros com a vida?

Há ironias da vida ou num viver? A ironia do diabetes é que

FORMIGA É UM SER TÃO PEQUENO QUE NÃO AGUENTA NEM NEBLINA. BERNARDO ME ENSINOU: PARA INFANTILIZAR FORMIGAS É SÓ PINGAR UM POUQUINHO DE ÁGUA NO CORAÇÃO DELAS. ACHEI FÁCIL²⁵.

quando uma glicemia fica abaixo do seu valor referência, 70 mg/dl, vida clama, grita por doce, por açúcar. Estremece!

Sua falta causa desequilíbrios, estremece mãos e pernas, estremece órgãos. Com um pequeno pedaço de doce ou um alimento açucarado, um existir começa a ganhar estabilidade, mesmo que provisória. Com o diagnóstico de diabetes, os sabores e os gostos e até mesmo os gestos visuais ganham mais força aos olhos da menina, mais sentido, mais prazer. Um mundo de delícias potencializa e transforma-se em outras delícias. O gosto e o sabor de um chocolate já é outro. Já são outros sabores, outros gostos, outros prazeres. Um sabor que simplesmente muda, nem bom nem ruim. Outro. Mudam. Outros modos de estar e viver com diabetes. Uma vida inventa com provisoriiedades, com amigos(as), com sorvete, com água, com risadas, com histórias, com formigas. Composições que passam pela água com gás, pelos sorrisos e pelas conversas com colegas, pelas confidências. Outro colorido faz a menina permanecer na sorveteria. Até para o vendedor, outra sorveteria apresenta-se, uma sorveteria com estranhamentos.

Uma sorveteria torna-se outra para Ive, para o vendedor, com uma água com gás.

Borbulhas, estranhamentos!

Nome no quadro!

A vida tornou-se para mim suave, e mais suave ainda quando de mim exigia o mais difícil²⁶.

Um formigamento num educar, numa sala de aula.

Como controlar o incômodo de um formigamento?

Que ele provoca num corpo?

Que provoca num aprender?

Mãos, pernas e pés tomados por um formigar.

Mãos pesam, sacodem, movimentam para cima e para baixo. Formigar insiste.

Pernas viram balanços, movimentam para cima e para baixo. Formigar resiste.

Pés pisam forte no chão, batem e rebatem. Formigar insiste, resiste.

Formigar corpo, formigar pesquisa, formigar educação.

Formigamentos.

Formigamentos, giz, quadro, aluno e professora: composições.

Composições com Daniel: menino quieto, senta-se nas últimas carteiras da sala de aula.

Em seu caderno, Daniel risca, rabisca, faz garatujas, arrisca em meio a desenhos e tentativas na direção de escrever seu nome. Junto às folhas coladas no seu caderno, algumas seguem com as atividades feitas em sala. Tentativas de escrever seu nome e garatujas sobressaem. Algumas tentativas seguem na cor vermelha, escritas por algumas professoras.

Na sala, alguns professores ficam inquietos e incomodados com o modo de Daniel habitar aquela sala de aula. Outros tentam motivá-lo a escrever.

Desistem: professores e Daniel.

Professores discursam e com a máxima certeza afirmam:

"Ele tem algum déficit".

"Daniel só fica puxando traços e rabiscando seu caderno, a atividade mesmo nem faz".

“Ele não domina a escrita, só fica desenhando, deixo pra lá”...

“Já desisti, nem chamo atenção mais”!

Daniel e uma aula de matemática.

Quantos Daniéis numa sala de aula, formigam?

Quanto formiga uma sala de aula? E um aprender?

Tensões e vozes com o comando de deixar para lá...

Deixar para lá! Desistências.

Torções.

Quanto de formigar num viver?

Quanto de vida numa educação?

Que condição de existir, num existir?

A aula acontece. Aula de matemática: trabalho com bases numéricas são estampados no quadro negro. Daniel continua com seus riscos.

À espera do sinal, Daniel, menino aparentemente quieto, sai da última fila de carteiras, aproveita os últimos instantes da aula, segue em direção ao quadro. Giz na mão trêmula, esforça num existir. Arranha uma condição de existir. Formiga um viver. Lá começa a fazer rabiscos puxando as letras iniciais de seu nome.

Professora, sentada em sua cadeira, fecha seu livro de chamada, observa atentamente, em silêncio, a manobra em que seu aluno é lançado, mínimos movimentos, atento, uma escrita lenta começa a aparecer no quadro negro da sala.

Um quadro começa a ganhar vida.

D a n i e l

Com a professora deste dia, Daniel parece ganhar forças.

“Daniel”. Professora exalta em sua mesa, num tom baixo:

“Daniel conseguiu! Que bacana, isso é dele! Ele conseguiu escrever seu nome!”

“Daniel”, o escrito vem. Vem com vida.

Professora surpresa.

Uma criança abate, coloca em suspensão vida em conformidade, possibilita outra condição de existir, resiste aos modelos estipulados.

Daniel faz formigar um viver.

Daniel convida a outros modos de viver. Cria escrita. Cria nome próprio. “O nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um zigzague, algo que passa ou que se passa entre dois como uma diferença potencial: “efeito Compton”, “efeito Kelvin²⁷”. Efeitos zigzagueantes compõem com um quadro negro e intensidades e Daniel.

Daniel: arranhaduras com uma condição de existir, no existir.

Daniel conseguiu! Que bacana ,isso é dele...

Aprender como acontecimento!

Arrombamentos e linhas vazam numa sala de aula com Daniel.

Aberturas de possíveis com uma educação permitindo fugas e outras tramas.

Inventam-se movimentos em riscos potencializando e fortalecendo um viver:

Daniel!

Uma vida afirmada diante das fendas que possibilitam respiros.

RES-pirar.

Riscos com e num viver!

Sala de aula banhada por fios, nomes, piruetas, danças, invenções, experimentações... Sala de aula com o que vem.

Sala de aula com Daniel: mancha, desmancha, mancha de novo, desmancha de novo, torce, destorce, fora invade dentro, dentro invade fora.

Daniel: transbordamentos numa aula!

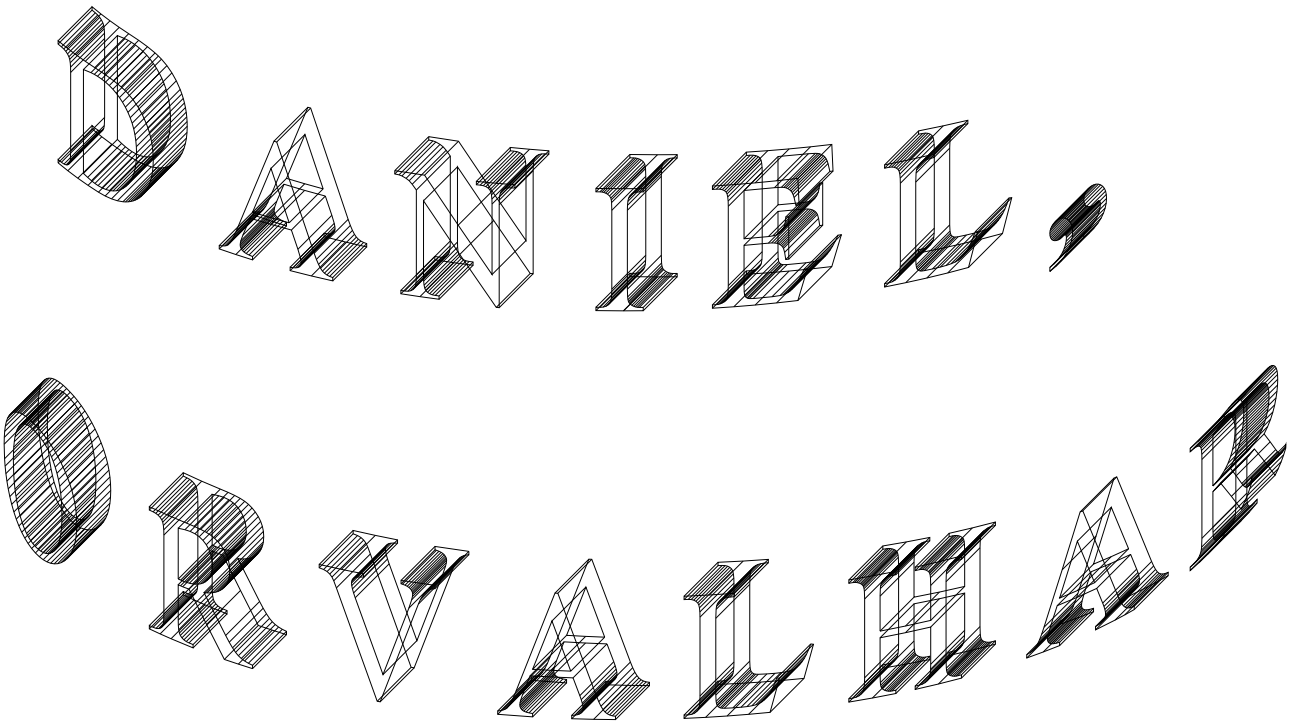
Quanto de inusitado numa sala de aula?

Quanto de formigamentos numa sala de aula?

Sala de aula: Daniel!

Sala de aula: a-com-tecimentos!

A vida é, pois, algo que não está em nós; e viver não é apenas um fazimento biológico, do nascimento à morte. Vida é o puro devir do real que não se constitui apenas nos estados de coisas (ser orvalho, ser pérola), mas em toda uma trama de relações que nos constituem, que nos tocam, que nos tornam; viver seria a potencialidade do acontecer na relação (viver orvalho, viver pérola). Nesse sentido, a vida está além e aquém das organizações orgânicas, de estruturas sociais, das estratificações políticas e econômicas: a vida é estabelecida nas relações, e viver é, potencialmente, devir (devir orvalho, devir pérola)²⁸.



Miguel, quantas salas de aula são produzidas em uma sala de aula?

[...] *Como cada um de nós era vários, já era muita gente*²⁹.

Dia de sol quente. Quarta-feira.

Ive chega à escola com o desejo de pesquisar junto à sala de aula da professora Maria. Ela leciona a disciplina de Matemática nas turmas de 8º ano.

Ive é recebida: escola, professora e uma turma de oitavo ano. Um dos exercícios: atentar-se ao acontecimento sala de aula junto a uma matemática.

OS RITOS DE FECUNDIDADE PERMANECEM ASSOCIADOS À FORMIGA: AS MULHERES ESTÉREIS VÃO SENTAR-SE EM CIMA DE UM FORMIGUEIRO PARA PEDIR AO DEUS SUPREMO, AMMA, QUE AS FAÇA FECUNDAS³⁰.

Que matemática?

Ive segue com Maria para a turma do oitavo ano. A caminho da sala, passam pelo extenso corredor que compõe a escola. Nele, alunos e alunas fazem composição com um tempo vago. Nas paredes do corredor, alguns trabalhos são expostos: Ciências, Português, Matemática e Geografia. Os trabalhos chamam a atenção de Ive que passa os olhos pelos cartazes compostos de cores, imagens coladas e escritos. Ao ver os trabalhos expostos, percebe ser olhada e estranhada pelos(as) alunos e alunas que ainda não a conhecem. Alguns(mas) cochicham, sorriem, sussurram por um quem. Outros(as) correm na frente para beber água, uns(umas) caminham em direção a sala e outros(as) ajudam a carregar os materiais de Maria. As professoras, adentram em sala de aula, aguardam as acomodações dos(das) discentes nas cadeiras. Maria, enquanto organiza seus materiais sobre a mesa, aproveita para apresentar Ive à turma. Produzindo-se um quem?

Sossego nos cochichos breves e nos olhares inquietos. Maria prossegue com a chamada.

Atenção para a chamada pessoal:

Amanda: presente; Bernardo: presente; Carla? CAAARRRLA? Está ausente? Óh, presente, professora! Diego: presente; Eduarda: presente; Francisco: ausente, está ausente, turma? Heitor: presente,...., Pedro: presente; Vanessa: presente!

Entre presenças e ausências uma chamada segue em ordem alfabética.

Maria escreve no quadro negro:

Exercícios do livro didático – pág. 27 e 28. Vamos às dúvidas sobre o Para Casa, pessoal, abram o livro na página dos polinômios.

Uma correção coletiva acontece.

Vêm sinais, vêm polinômios, vêm livros: uns(umas) confundem os sinais:

Qual a regra mesmo, professora? Mais com mais dá mais. Mais com menos dá menos. Não me lembro o menos com menos, não...

Quase não termina sua frase, um aluno do meio da sala diz com uma certeza inabalável:

Dá mais né, Manu? Ela sempre confunde professora, não liga não!

Aula de matemática. Aula de polinômios. Aula de sinais.

Ive, matemática, polinômios, sinais, Miguel. Um quem em produção? Produção de si e de mundos.

Atenta à sala de aula, Ive percebe um aluno que chama sua atenção: Miguel. Ele ocupa uma das primeiras carteiras da sala. Em sua carteira, alguns objetos: livro literário, livro didático e um caderno.

Miguel senta a frente para o quadro, metade do seu rosto fica escondido por sua franja de cor preta e comprida. Na carteira abre seu livro literário: *A Guerra dos Tronos*, o sobrepõe ao seu livro didático. Com movimentos discretos e silenciosos, concentra na leitura. Maria segue passando nas carteiras dos(as) alunos(as) para dar visto e conversar com quem tinha dúvidas junto ao conteúdo daquela aula. Passa os olhos lentamente pela turma, percebe os movimentos de Miguel com seus dedos inquietos sobre *A Guerra dos Tronos*. Professora não interrompe Miguel, deixa-o em seu mundo inventado uma aula de matemática.

Aula de matemática.

Que matemática?

Miguel e suas invenções: livro literário, livro didático e um caderno.

Aula de matemática tramada com literatura: *A Guerra dos Tronos*.

Miguel e suas lutas.

Que reina?

Que matemática reina?

Que literatura reina?

Que reina numa sala de aula?

Que Rei (na) numa aula?

Miguel: aula de matemática e *A Guerra dos Tronos*.

Miguel e suas lutas numa sala de aula banhada por barulhos, conversas, brincadeiras, risadas, polinômios, literatura, matemática, livro didático, jogo de sinais: mais com mais: mais; menos com menos: mais; mais com menos: menos.

Sala de aula inventada com pipipis, com água gasosa numa sorveteria, com formigas, com Wilson cantando num CTI, com um *poxa tia, quase acertei*, com um celular infiltrado num CTI...

Tramas com uma aula de matemática inventando gentes. Aula de matemática. Que matemática?

Miguel: aula de matemática e *A Guerra dos Tronos*.

Miguel: ora livro didático ora *A Guerra dos Tronos* ora matemática ora caderno.

Miguel: caderno, livro didático, *A Guerra dos Tronos*, jogo de sinais, polinômios, matemática.

Matemática?

Literatura?

Jogo de sinais?

Quem ganha esta guerra?

Quem?

Mãos e dedos inquietos movimentam-se entre livros. Miguel em movimentos-formiga com uma matemática. Cria passeios e rotas como as formigas. Miguel-formiga. Linhas outras com uma aula de matemática. Movimentos-formiga criam rotas, criam linhas. Algumas formigas se perdem devido à sua cegueira ou à baixa visão. Seguem na trilha da vida e se comunicam por substâncias químicas (feromônios) que indicam caminhos possíveis. Caminhos com uma literatura que libera substâncias formigam Miguel.

Miguel-formiga.

Composições com Miguel, com formiga, com literatura, com matemática...
Composições com...

Clama-se por um quem?

**A VISÃO NÃO TEM MUITA
IMPORTÂNCIA NA VIDA DAS
FORMIGAS. MUITAS SÃO
CEGAS (DEPENDENDO DA
ESPÉCIE) E SE COMUNICAM
ATRAVÉS DE SUBSTÂNCIAS
QUÍMICAS CHAMADAS
FEROMÔNIOS, QUE SERVE
PARA INDICAR O CAMINHO
PARA OS INSETOS.**

Invenção de um Miguel-formiga. Invenção de outros Miguéis. “Como cada um de nós era vários, já era muita gente³¹”!

Miguel-formiga em invenção de trilhas numa aula de matemática?

Miguel e *A Guerra dos Tronos*:

Que matemática reina?

Que literatura reina?

Que reina numa sala de aula?

Quem ganha esta guerra?

Quem?

Miguel e *A Guerra dos Tronos* fazem de uma sala de aula, outra. Um quem?

Sala de aula como produção de modos outros de existir.

Produção de trilhas e de aberturas possíveis com uma educação com um viver.

O HOMEM QUE DEIXOU A VIDA POR SE SENTIR UM ESGOTO — ACHO MAIS IMPORTANTE DO QUE UMA USINA NUCLEAR. ALIÁS, O CU DE UMA FORMIGA É TAMBÉM MUITO MAIS IMPORTANTE DO QUE UMA USINA NUCLEAR³².

Sala de aula de matemática provoca invenções.

Invenções de outras Ives, outros Miguéis.

Que matemática reina?

Que literatura reina?

Que reina numa sala de aula?

Quem ganha esta guerra?

Quem?

A questão “*quem?*” “não reclama pessoas, mas forças e querer³³”.

Miguel e *A Guerra dos Tronos*: quantas salas de aulas são produzidas em uma sala de aula?

Quantas vidas são produzidas num CTI?

E lá vem Wilson, com sua voz cantante para seu plantão:

Óh menina Ive, acorde, acorde!

Já é hora de despertar! Já são quase seis horas...

Entre aprendizagens, conceitos, notas, provas, discursos!

Uma membrana cobre os olhos. O paladar não saboreia. O ouvido não ouve. O olfato não cheira. O tato, pele dura, espessa, tenta o impossível, ser impermeável. Outros sentidos sem nome também estão doentes por, e para, separar o restante: da escola, do currículo, da matemática, do professor, do aluno. Modelos matemáticos. Modelos. E o que resta? Aprendizagens³⁴

Inquietações com modos escolares: uma escola mede seus(as) alunos(as) e avalia pelas notas. Como avaliar? Basta tomar conceitos estipulados pela escola: A, B, C, R ou uma nota acima de 60 pontos? Uma vida escolar emaranha com seus modos de avaliação e punições e obrigações e normas. O rendimento escolar de cada aluno(a) é expresso em escala: de 90 a 100 – A (Excelente), de 80 a 89 – B (Bom), de 60 a 79 – C (Regular), de 59 ou menor – R (Reprovado(a)). Quantas letras medem o conhecimento de alguém? Como vidas são inventadas ao serem mensuradas? Como insulina, enquanto condição de existir, produz vida? Estima-se uma quantidade e busca-se aproximações a um modo antecipado. Como, avaliação enquanto condição de existir, produz vida?

“A”: aquele(a) que é bem sucedido(a) ou o bom(boa) entendedor(a) nas diversas disciplinas e o(a) expert nos domínios de conteúdos escolares – excelente.

-Acredita nessa doença³⁵? Desconfianças.

“B”: é considerado(a) como aquele(a) que quase conseguiu atingir o sucesso do “A”, porém teve alguns conflitos em dominar os conceitos – bom.

-Acredita nessa doença? Desconfianças.

Já o “C” se liga a um conceito não muito aceito pelas regras da escola, o que faz os(as) alunos(as) acreditarem que seus esforços escolares não atingem a expectativa de um aprendizado esperado – regular.

-Acredita nessa doença? Desconfianças.

O “R”, diz de um(a) aluno(a) que não conseguiu atingir seu desempenho escolar, em nenhum dos domínios escolares, concede aqui o lugar de um(a) aluno(a) fracassado(a) – reprovado(a).

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

Outro modo: notas que, de acordo com o regimento da escola, devem estar acima dos sessenta pontos, por exemplo. Sendo assim, estabelece-se um ranking numa sala de aula. Algumas escolas apostam em executar testes direcionados para a aprovação de programas de vestibulares, apresentando, com isso, uma listagem e elegendo a posição dos(as) melhores alunos(as).

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

Um boletim com cores azuis marca um modo de existir numa escola. Cor vermelha: doença. Boletim, cor vermelha: recuperação! Um Centro de Tratamento Intensivo (CTI) escolar. Faz-se uma prova, atinge-se determinada nota e verifica se é aprovado(a).

Desconfianças.

Discursos tentam reinar:

“A educação está doente!”

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

“A sala de aula e a escola estão doentes!”

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

“*Esses meninos são uma peste, não querem aprender nada!*”

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

“A escola precisa mudar”

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

“Eu amo ser professora, mas minha pressão sobe quando estou em sala de aula, passo mal”!

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

“Você é louca, fazer uma faculdade de Pedagogia para dar aula para esses meninos? Se eu pudesse voltar atrás, nunca escolheria esse curso”!

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

“A educação está me deixando doente!”

-*Acredita nessa doença?* Desconfianças.

O sangue circula impetuosamente, a posição de quem dorme pressiona determinados membros, as cobertas influem sobre as sensações de maneiras diversas, o estômago faz a digestão e perturba outros órgãos com seus movimentos, os intestinos se torcem, o posicionamento da cabeça traz posturas musculares insólitas, os pés descalços, não comprimindo o chão com a sola, causam a

*sensação do insólito, assim como o vestuário diferente de todo o corpo*³⁶.

As *n* doenças cercam uma sociedade e uma educação com suas verdades, com modos dominantes num viver. O que resta desse movimento-vida? Nesse reboiço da vida, sentidos e verdades vão se tornando lugares de enfrentamentos com uma formação. Estremecimentos com uma formação. Como modos outros podem ser fortalecidos? Doença enquanto condição do existir. Vida trama no que acontece, amando um destino! Doenças deliram! Modos de habitar uma educação.

CTI e doença: celular infiltrado e diversão com um enfermeiro. Sorveteria e doença: água com gás, sorvete, confetes, caldas, supermercado. Escola e doença: notas, recreios, livro *A Guerra dos Tronos*, Daniel.

Numa escola: notas viram confetes, escolares compostos nos e pelos boletins confeitados, ora saboreia

ora amarga. E segue na **A FORMIGA É UM SÍMBOLO DE ATIVIDADE INDUSTRIOSA, DE VIDA ORGANIZADA EM SOCIEDADE, DE PREVIDÊNCIA**³⁷.

Vidas seguem com

conceitos e seus mais diversos recheios e coberturas. Boletins confeitados: A, B, C, R.

Nas palavras da diretora vem seu alerta:

“Você tem que estudar para ser alguém na vida, meninooooo! Alguém na vida, entendeu!”.

Entre doçuras e amarguras, vidas escolarizadas inventam aberturas de possíveis, modos outros.

Quão doce pode ser uma educação?

Doce-lizar.

Vidas docilizadas produzem um estilo de vida quando certa política opera. *Doce-liza-se* um existir. Adoecimentos. Educa-se adocicando uma vida. Uma vida *doce-lizada*, muitas vezes, instalada numa posição da sujeição, da ordem, em modos abafados junto a um viver. Com doçura produz vida? Quanto de açúcar uma vida escolar necessita? Quanto de insulina numa vida? Numa formação, um(a) professor(a) é inventado(a) a todo momento. Como uma formação docente potencializa vidas numa educação docilizada? Basta um ato de reciclagem e a realização de cursos extras? Numa formação, se existe o ato de reciclar, isto pode ser um sinal: algo não está de acordo

com as habilidades professorais, algo não funciona como deveria funcionar. Desarranjos e oferecimentos. Dentre eles: um *check up*. *Check up* numa educação. Doutores(as) docilizam vidas escolares mergulhados(as) no processo de ensino-aprendizagem? Com todas as pós-graduações, formam-se professores(as)? Medicalizam-os(as)? Seria uma profilaxia? Cautelas numa formação. Ajustes de insulina. Modelos esperados numa educação persistem. Modelos para chegar a uma forma. Que vida produz? Como vidas enfeitam, torcem, amargam uma educação fazendo dela uma potência de vida?

Amargar para fortalecer diante dos discursos que cercam e habitam vidas. Ficar com e no trágico da vida. “Paga-se muito caro ser imortal: morre-se por isso várias vezes em vida³⁸”.

Assim como uma água com gás é solicitada numa sorveteria junto a amigos(as), música, beijos, histórias e risadas.

Assim como um celular é infiltrado num CTI. Outros modos torcem e compõem com educação: Daniel, recreios, livro: *A Guerra dos Tronos*, Leonardo.

Doenças deliram!

Uma graduação não basta, sendo assim, apresenta-se uma pós-graduação em determinada área, e, então, um curso de mestrado, um de doutorado e, tantos outros, e outras...

Outras pós... pós... pós... pós, um sempre depois...

Formam-se mestres(as), doutores(as) em educação.

Os problemas educacionais acabam.

Desconfianças.

Uma composição com o que acontece, no trágico.

Maquinarias.

Uma maquinaria aciona outros modos de estar com educação.

Máquina sobre máquina. Interferências e quebras arranham, chacoalham vidas. Mais açúcar no sangue ruim, pouco açúcar, também. Maquinaria estremece, coloca tensões des-equilibrantes.

Uma composição no trágico: forças e quererem produzem vidas nas multiplicidades.

Vida cambaleante produz tantas outras! Existir: produção de vida no que acontece!

O labirinto da língua que escreve e escava e morde e não conclui jamais o poema; o labirinto das paixões que se desencadeiam para o vazio; o labirinto da voz que não acaba por expressar-se; o labirinto da memória que lembra e esquece ao mesmo tempo. Algumas coisas começam pela palavra e continuam o caminho da sensação, da percepção, do conhecimento. Outras coisas nunca são palavra e mesmo assim exibem a dupla forma de seu desassossego e de seu encantamento. O labirinto é tudo, porque é detenção e é movimento: trata-se de olhar-nos nos olhos, não de conhecer-nos; trata-se de cruzar os olhos, não de cruzar os braços³⁹.

Quadrado Mágico: invenções com regras!

A doença desprende-me pouco a pouco: poupou-me toda a ruptura, todo o passo violento e escandaloso. Não perdi então a benevolência; muita até me foi ainda dispensada. A doença proporcionou-me igualmente o direito de uma inversão completa de todos os meus hábitos; permitiu-me, ordenou-me que esquecesse; deu-me de presente a coacção a estar reclinado, ao ócio, à espera e à paciência⁴¹...

A aula do dia começa: Quadrado Mágico.

Desde quando um quadrado pode ser mágico, professora? Turma sorri.

Aula de quadrado mágico e seus mistérios. Quadrado desenhado na lousa, recortado com duas linhas horizontais e duas verticais, formando nove pequenos quadrados em seu interior. Quadrado, agora, com três linhas e três colunas.

Quadrado mágico: quando a soma dos numerais em qualquer uma das linhas, colunas ou diagonais geram o mesmo valor.

Professora solicita:

Como fica o quadrado mágico de soma igual 15? Vamos utilizar a seguinte sequência: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Lembrando que não podemos repetir os numerais! Vamos investigar.

Quadrados mágicos começam a ser desenhados nos cadernos.

Tentam localizar um número que somando a outros dois números gere o total de quinze.

Vamos tentar: $8 + 2 + 7 = 17$. Sabemos que estes, não podemos usar. Passou de 15!

Continuam: escrevem os elementos na primeira linha, 5, 6 e 7.

Vamos ver com estes números: $5 + 6 + 7 = 18$.

Abel diz: *Puxa, passou três, mas podemos tirar, tirando 18 de 15, sobra 3.*

Arriscam!

Num rápido movimento vêm:

Ah achei a primeira linha, fica assim hó: $5 + 3 + 7 = 15!$ Sou bom, viu!

Continuam com quadrado mágico.

Somam os elementos da segunda linha: $6 + 1 + 8 = 15$.

Os da terceira, $2 + 9 + 4 = 15$.

Ih, tá dando certo.

Vão conferir a diagonal agora: $2 + 1 + 7...$ ah, não deu.

Apaga um número da ponta, passa para outro lugar. Soma novamente. Não confere. Apaga o 7, troca com o 2. Somo de novo. Não confere. Arrisca em colocar o número menor no meio, números maiores na ponta...

Seguem: somam, riscam, rabiscam, arriscam com quadrado mágico. E outra soma se apresenta:

$$8 + 9 + 1 = 18$$

Xiii, não está mágico, não! Passou três de novo...

Será possível encontrar o mesmo resultado para todas as linhas?

Continuam. Mergulham em modos de encontrar soma igual a 15 nas linhas, colunas e diagonais do quadrado mágico.

Que regularidades há?

Quadrado mágico opera com que?

Do meio da sala, vem a voz rouca de um aluno:

Tem macete, né, professora? Alguma regra deve ter pra facilitar pra gente!

Solicitam-se as regras, o como fazer.

Que vida é esta que solicita regras? Acomodação de um pensamento. Deseja-se o reconhecimento. Vida pede regras antes de experimentar. Um certo modo de vida entra em jogo com regras. Que tipo de regras? Regras coercitivas: campo moral. Regras facultativas: na relação.

Numa sorveteria: só solicita-se sorvetes?

Desconfianças.

Será mais compreensível com a regra?

Desconfianças.

Tendo as regras, dá pra fazer! Regra é regra, né, professora? É só seguir!

Como produzir e produzir-se com matemática quando uma regra não entra em jogo?

Professora pergunta quem quer ir ao quadro fazer o quadrado mágico.

Quem quer fazer no quadro?

Abel levanta o dedo rapidamente e caminha em direção ao quadro, desenha lentamente e com cuidado a tabela do quadrado mágico.

Nas andanças da resolução do quadrado, o aluno apresenta uma regularidade: *o número que fica no centro dá ímpar e suas extremidades são preenchidas com os números pares.*

Turma parece estranhar à observação. Atentos continuam olhando para o amigo e suas observações.

A sequência do quadrado mágico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 é apresentada e sua soma é igual a 15.

6	1	8
7	5	3
2	9	4

Quadrado mágico, regras e Abel são inventados na relação. Regra facultativa: não anterior ao encontro, construída na relação, inventada com o que vem. Afirma vida!

Turma exercita soma 15.

Regra é inventada e inventiva. Mesmo com uma regra, algo outro se dá, se inventa.

Abel insiste:

2, 4, 6 e 8 são pares; e o 5 é ímpar, sei que com a constante acho a sequência.

Professora indaga:

Por que acontece a paridade nas extremidades?

Quadrado mágico faz Abel variar.

Rapidamente ele afirma:

É regra professora. É a regra para formar um quadrado mágico! O quadrado mágico deve ter um número que seja divisível por 3, se não, não vai formar um quadrado, por isso é regra.

No movimento de chegada *regra é regra*. Uma afirmação. Regra torcida, regra inventada na relação Abel-quadrado mágico. Quadrado mágico, regras e Abel: outros modos de estar em sala de aula. Regra facultativa: inventiva e inventada.

Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de *regras facultativas* que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida (mesmo o suicídio faz parte delas). É o que Nietzsche descobria como *a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas "possibilidades de vida"*⁴².

Regra delira!

Regra: proibido usar celular no CTI.

Delírio: celular, enfermeira e Ive.

Regra: num CTI: silêncio.

Delírio: Wilson cantarola e conta histórias de seu tempo para Ive. Ive sorri!

Regra: na sala de aula de matemática corrige-se exercícios.

Delírio: Miguel, "A Guerra dos Tronos" e aula de matemática.

Regra: na sorveteria, sorvete.

Delírio: sorveteria e água com gás.

Regra: gráfico na vertical.

Delírio: Leonardo, horizontal e besteira!

Regra: escrever seu nome aos 8 anos de idade.

Delírio: Daniel!

Regra: para completar o quadrado mágico, a soma tem que ser um número múltiplo de três.

Delírio: regra é regra?

No CTI, Ivo escuta o celular infiltrado embaixo de seu travesseiro...
Numa das paredes, um alerta. Uma placa e um corte na diagonal em vermelho:

Proibido o uso de celular no CTI.

- *“Oi mãe, tudo bem por aqui e com a senhora?”...*

I (n) V E (nções) ...

Ive, mulher e pesquisadora entre odor de flores de mel!



“A inteligência vem sempre depois; ela é boa quando vem depois, só é boa quando vem depois⁴³”.

Um aprender inventa narrativa... Da última carteira um desabafo:

A gente perde a identidade quando escrever⁴⁴!

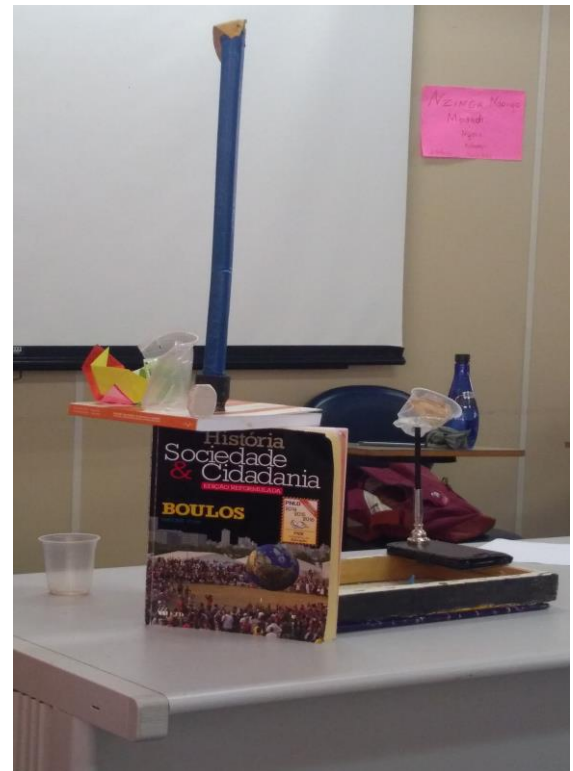
Delírio: escrever, des-identificar!

Estranhar regras.

Delirar!



45



59

Oficina⁴⁶ de produção matemática: Dominó de quatro pontas, que pode?

A inteligência vem sempre depois; ela é boa quando vem depois, só é boa quando vem depois⁴⁷.

Uma oficina de produção matemática acontece na Faculdade de Educação. Oficina intitulada *Dominó de Quatro Pontas*. Nela, participam: alunos(as) de Pedagogia e professores(as) de Matemática, uns(umas) em curso, outros(as) graduados(as), alguns(mas) mestres, outros(as) mestrandos(as) e doutorandos(as).

Oficina dispara tensões numa matemática, num jogo, numa formação experimentando-os.

Produz vidas que operam com modos outros, com regras. Oficina no

movente, no que acontece, coloca problema numa formação.

Jogo: dispara e coloca tensão num formar e num modo de jogar.

Num breve contato, dominó tradicional é reconhecido.

Dominó no reconhecimento: sem nascimentos, só reprodução do mesmo!

Habitar territórios conhecidos: confiança, calma.

Ansiedade em iniciar o jogo re-conhecido.

Sobre a mesa, dominó de quatro pontas e suas regras é apresentado.

Para iniciar o jogo, as peças devem estar embaralhadas e distribuídas entre os(as) participantes (grupos de três pessoas). Cada pessoa recebe nove peças, caso sobrem peças, estas devem ser colocadas ao alcance de todos, para que possam ser compradas no decorrer do jogo.

Inicia o jogador que tiver a peça 6-6. Caso esta peça não esteja com nenhum dos jogadores, deve ser utilizada a peça 5-5, ou a peça 4-4, e assim por diante. Apenas por estas peças poderão ser abertas as quatro pontas do dominó.

QUANDO UMA FORMIGA DA ESPÉCIE CORREIÇÃO SAI PARA CAÇAR, ELA DEIXA UMA TRILHA DE FEROMÔNIO QUE PODE SER SEGUIDA POR OUTRAS FORMIGAS DA MESMA ESPÉCIE. SE ACHAM COMIDA PELO CAMINHO, O RASTRO É REFORÇADO PELAS OPERÁRIAS QUE SE DIRIGEM ATÉ O LOCAL. QUANDO O SUPRIMENTO DE ALIMENTO ACABA, OS INSETOS PARAM DE REMARCAR A TRILHA E O CHEIRO É DISSIPADO.

A primeira peça deve ser colocada no centro da mesa e, em seguida, cada jogador(a) deve tentar encaixar alguma peça sua nas peças que estão na extremidade do jogo. O objetivo é atingido quando há o encaixe de cada peça e a soma das extremidades do jogo seja múltiplo de 5. Quando isso acontecer, o(a) jogador(a) que colocou a última peça pontua o mesmo valor da soma das extremidades. Quando é encaixada uma peça, pontuando ou não, a vez é passada para o(a) próximo(a) jogador(a).

Quem não tiver nenhuma peça que encaixe em qualquer lado, esta poderá ser comprada das peças que tiverem sobrado ou deve ser passada a vez. A partida termina quando não se tem mais peças e nem há mais peças para serem compradas ou, ainda, quando o jogo fica trancado, ou seja, não há mais jogadas possíveis com as peças que ainda restam, vencendo, portanto, o(a) jogador(a) que tiver a maior pontuação⁴⁸.

Num dominó de quatro pontas regras são apresentadas.

Num quadrado mágico regras são solicitadas.

Jogo de dominó tradicional chega mergulhando no dominó de quatro pontas.

Dominó de quatro pontas provoca fissuras em vidas. Arrasta outro modo de inventar e criar estratégias.

Encontros com dominó de quatro pontas, com quadrado mágico, com Torre de Hanói⁴⁹ fazem resistência na produção e na invenção da vida em vida. Criam estratégias com regras, sem regras, com pipipis, com água com gás numa sorveteria...

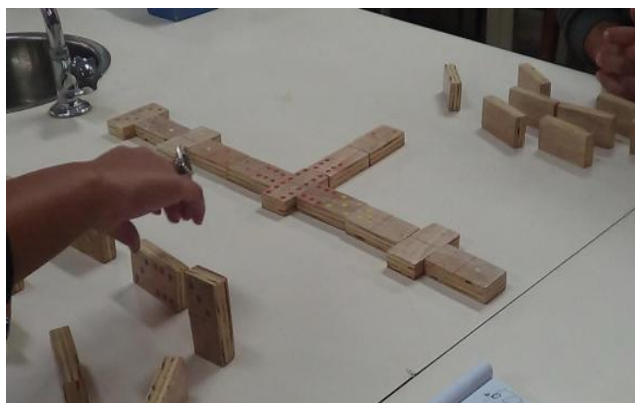
Modos outros de habitar o campo da idealidade produzem fios, fios que escapam.

Como ficar nas proximidades do caos?

Encontros vazam com regras, com matemática, com jogo, com dominó.

Dominó de quatro pontas não se confunde com o dominó tradicional. Outro modo de inventar com dominós. Inventam-se modos de operar, experimentando e tateando junto ao viver.

Inventa-se com quadrado mágico, com Torre de Hanói, com regras, com Abel, com Ive, com Leonardo e um gráfico na horizontal...



Quadrado mágico: regras são solicitadas. Vidas pedem regras sem que o corpo experimente. Resiste professora que solicita às alunas e aos alunos investiguem o funcionamento de um quadrado mágico.

Dominó de quatro pontas: regras dadas. Regras que funcionam e são inventadas no jogo, com o encontro, na relação.

Quadrado mágico: objeto matemático inventado. Regras facultativas operam e são inventadas no/com o encontro. Regras produzidas na relação.

Regras e invenções e rasgos num guarda sol⁵⁰ provocam fissuras no modo de operar com dominó de quatro pontas e quadrado mágico.

Experimentam com jogo e objeto matemático.

Vidas são inventadas junto ao encontro, com o que há de imprevisível.

Que vem com um dominó de quatro pontas?

Como tatear, lançar-se ao risco da experiência?

Como estar com e no jogo?

Exercícios de estranhar um habitual.

De início, um dominó com regras conhecidas.

Depois, outro dominó, outro funcionamento, outras regras.

Regras torcidas. Delírio!

Delírio: regra é regra?

Dominó de Quatro Pontas: operam com múltiplos de 5.

Inquietações:

“Como assim, dominó com pontas?”;

“Nesse Dominó podem ser abertas quantas pontas?”.

“Xiii, não entendi isso não, gente”!

Encontros e regras operam no jogo, na relação.

Dominó entre lentidões, paciência e experimentações.

Dominó de Quatro Pontas: criam-se regras com uma composição, com o que se apresenta.

Delírios nas regras tradicionais de um jogo.

Delírio: regra é regra?

Um jogo reconhecido é torcido num ofcinar⁵¹.

Delira! Jogos e encontros produzem com/numa formação inventando vidas. Com o jogar, nascimentos de estratégias, experiências, outros modos de operar.

Neste lançar-se vêm: 0, 5, 10, 15, 20... Múltiplos vão nascendo! Morte e nascimentos outros.

Pontas são deixadas...

Da morte de um reconhecimento, nascimentos, produções!

Um dominó junto a risos e regras inventados.

Abertura de possíveis numa educação!

Delírio: *dominó*.

Delírio: regra é regra?

Ive rola de um lado para o outro na cama do CTI, sem sono, pega seu pequeno celular infiltrado e seu fone de ouvido para ouvir música...

“Não há de ser inutilmente a esperança...

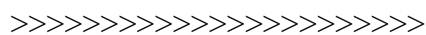
Dança na corda bamba

de sombrinha

E em cada passo dessa linha

pode se machucar... Azar! A esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar⁵²”...

A invenção não opera sob o signo da iluminação súbita, da instantaneidade. A invenção implica uma duração, um trabalho com restos, uma preparação que ocorre no avesso do plano das formas visíveis. Ela é prática de tateio, de experimentação, e nessa experimentação que se dá o choque, mais ou menos inesperado, com a matéria. [...] O resultado é necessariamente imprevisível. A invenção implica tempo. [...] Não é reserva particular de um sujeito nem se confunde com o mundo dos objetos. Ela é a condição mesma do sujeito e do objeto⁵³.



Que pode uma oficina⁵⁴ com *Torre de Hanói*⁵⁵?

Oficinar com e numa educação.

Uma oficina é disparada na Faculdade de Educação.

*Torre de Hanói*⁵⁶!

Que pode uma oficina com *Torre de Hanói* num processo formativo?



Algumas pessoas presentes na oficina já ouviram falar, outras desconhecem.

O que *Torre de Hanói* pode produzir nessas vidas?

Uma mesa longa é preenchida por *Torres de Hanói*. Alguns materiais, de madeira (contendo três pinos e discos de diferentes tamanhos coloridos), outros de EVA (contendo três bolinhas feitas de canetinha e discos de diferentes tamanhos coloridos).

Uma breve apresentação se dá: o material tem como objetivo a criação de estratégias. Para isto, deve-se levar um disco à extremidade oposta sem colocar o disco maior sobre o menor, realizando o menor número possível de movimentos.

Torre de Hanói chega num desconhecido, inventa-se.

Mãos e olhos criam estratégias para levar atentamente os discos para a outra ponta, cada um de uma vez, passando pelos pinos. Exige-se atenção. Estratégias!

Mãos, bocas, ouvidos inquietos. Segue contanto a passagem dos discos e num menor número de movimentos.

Disco maior segue para o primeiro pino e as tentativas seguem. Aumenta a velocidade, diminui, aumenta de novo, para e observa os outros pinos. Escreve num recorte de papel a cor do pino que passou e o número de movimentos. Volta de novo

para a torre e seus pinos. *Taaaac*, primeiro pino, *taccccc*, segundo pino, *tacccc* terceiro pino... O barulho chega com intensidade! Consegue passar os três pinos.

Depois de conseguirem passar três discos, aumentam o número de discos para quatro...

Para alguns: três discos já não era desafio.

Uma menina passa de três para quatro discos. Exercita torre. Fica com os discos. Uma entrega à experiência. Corpo vibra. Mãos se agitam, dedos tremem... Algum tempo depois, os quatro discos são levados à outra extremidade. Corpo aquece ainda mais, uma vida que tateia, sente a vibração com o jogar, com Torre de Hanói.

Cria estratégia, esquenta pele, vibra:

“Se eu colocar o disco no pino da extremidade e voltar com ele para o meio, consigo um movimento”...

Segue:

Inventa com jogo. Mãos inquietas aumentam discos: para cinco, depois seis. Vida escolar borbulha nas tentativas de passagem dos discos de uma extremidade à outra.

Aumentam os discos: o desafio agora, sete. Mãos inquietas, olhos atentos, joelhos balançantes, dedos trêmulos, rosto quente, pele vibra, ferve... Vida em erupção.

Na efervescência, um grito:

C O N S E G U I I I !

Risos transbordam em meio à euforia da aluna.

Quanto de vida é inventada com Torre de Hanói?

Que vidas são produzidas?

O grupo parece sentir a quentura daquela vida, sente suas mãos inquietas ao barulho dos discos. A conversa se faz ao trazer afetos no acontecimento oficina.

Com Torre de Hanói, vidas vibram, estremecem, em quenturas da e na pele.

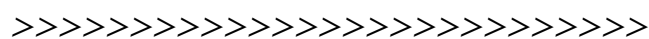
Invenções com Torre de Hanói, com Dominó de quatro pontas, com quadrado mágico, com... Invenções de Ives, de Abéis, de Danieis, de Leonardos e e e...

Torre de Hanói com o que é apresentado, mesmo com seu modo de operar, escapes acontecem aos modos já estabelecidos.

Fluxos com Torre de Hanói.

Regras inventadas com o que vem, no jogo.
Regras operam entre as estratégias, operam no encontro.
Produção de estilo de vida.
Produção no trágico da vida.
Dentre o trágico, Ive ouve suas músicas no CTI..
Em sua torre!

Mas: o que é a história ou seu relato senão a incapacidade de explicar a duração do assombro, a intensidade do instante? A explicação está no lugar da pele, a ocupa, a esfria, a seca. Faz da pele seu osso e do osso uma nuvem de fumaça que se escapa pela fresta de uma porta⁵⁷.



Em sonhos, Ive vagueia numa aula de polinômios:

“Quase acertei”!

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo – elas podem um dia milagrar de flores⁵⁸.

O sino, agudo, anuncia fortemente o início da aula de matemática.

Aula de matemática (só matemática?).

Conteúdo a ser explorado: polinômios!

No quadro, a solicitação:

Qual a forma simplificada da soma do polinômio:

$$(2x + 3y - 4z + 8) + (x - y + 2z - 2)?$$

Forma simplificada igual a:

$$3x + 2y - 2z + 6.$$

Em destaque: a expressão algébrica em sua forma simplificada: $3x + 2y - 2z + 6$.

“Quando em uma expressão algébrica existirem termos semelhantes, podemos simplificá-la efetuando a adição algébrica desses termos. A isso damos o nome de redução de termos semelhantes⁵⁹”.

Dentre expressões algébricas, uma sala de aula é banhada por polinômio. Polinômio carrega conteúdo de matemática e tantos outros modos disparam e deliram junto a uma sala de aula.

Uma voz em tom de riso, lá de trás da sala, das últimas carteiras, vêm:

O sinal faz a gente errar, tia. Quase acertei!

Aula de matemática produz *quases*.

Pode haver produção de *quases* numa aula de matemática?

Uma aula junto ao polinômio acontece.

Forma simplificada do polinômio:

$$(2x + 3y - 4z + 8) + (x - y + 2z - 2):$$
$$\mathbf{3x + 2y - 2z + 6}$$

Sala de aula de matemática: o que produz?

Erro? Acerto?

Polinômio delira!

Um *quase acertei* estremece sala de aula, estremece vidas.

O som do *quase acertei* aposta numa vida capaz de criar suas condições, de transmutar, de ficar com e numa vida fortalecida, de existir.

Conquistar um modo de existir exige ficar a altura do que nos acontece.

Que outra condição de existir, no existir, com matemática na escola?

A voz ressoa, arranha, estremece com polinômios: *quase acertei!*

O que fazer com este saber? Aprender polinômios.

Propósito de conhecer: Identificação; Semelhança; Simplificação⁶⁰.

Propósito: reconhecer, identificar.

Identifica-se. Um lugar sereno e seguro é habitado.

Faz acomodar vidas.

$2x + x = 3x$. Variável x é identificada.

$3x$: redução dos termos semelhantes, unidos pelo que lhes é comum.

Segundo Bianchini, em seu livro didático, “na prática, agrupamos os termos semelhantes, somamos seus coeficientes e conservamos a parte literal⁶¹”.

Uma definição de termos semelhantes é apresentada:

“Termos semelhantes ou monômios semelhantes são aqueles que possuem a mesma parte literal ou não possuem parte literal⁶²”.

Observando os monômios abaixo é possível dizer que:

- a) “ $5x^2y$ e $-3x^2y$: possuem a mesma parte literal, são chamados de termos semelhantes⁶³”;
- b) “ $5x^2y$ e $-3xy^2$: os monômios não possuem a mesma parte literal. Logo, não são termos semelhantes⁶⁴”.

Variável x , tornada invariante.

Uma união na invariância. X agora não é variante! Opera-se com: 2 e 1, unidos pela invariante x . Coeficientes operam. Busca-se uma invariante para assemelhar, parecer com. Um dessemelhante se torna mais forte numa forma reduzida.

Que aprendemos quando encontramos com polinômios?

Quanto de vida vem com polinômios? Com um *quase acertei*?

Numa aula de polinômios: *quase acertei!*

Quase acertei: existiria uma quase identidade?

Vertigens, tonturas, com polinômios. Vertigens com um *quase acertei!*

Uma aula é inventada com outros tantos possíveis. Aula com o que vem, arrasta outros modos, outros fios.

Quase acertei faz ficar com o que uma sala de aula oferece, com toda a sua imprevisibilidade, faz ficar com o que acontece. Ao invés de descobrir como ela é, desidentificar, provocar aberturas de possíveis!

Polinômio faz vazar algo numa aula de matemática. Vaza outros possíveis num modo posto como único e verdadeiro, num modo identitário.

Uma solicitação: simplificar um polinômio.

Simplificar: ideia de reduzir ao termo semelhante.

Um modo simplificado seria mais fácil de ser compreendido?

Chegar à forma simplificada de um polinômio garante aprendizagens?

Num simplificar, quanto de vida vem?

Simplificar: simples?

Forma simplificada do polinômio:

$$(2x + 3y - 4z + 8) + (x - y + 2z - 2):$$

$$\mathbf{3x + 2y - 2z + 6}$$

$3x + 2y - 2z + 6$ produz um algo.

Caos instaurado. Polinômio opera com ruídos.

Polinômio mesmo não sendo semelhante, delira matemática que delira literatura que delira Miguel que delira Ive que delira professora que delira livro didático que delira...

Forma simplificada perturba, dá nó.

Faz indagar: e aí? É isso? Incômodos chegam e reviram estômago. Faz revirar. Delirar.

Numa sala de aula, todos aprendem de uma mesma maneira?

Numa sorveteria, todas as pessoas tomam sorvete?

Numa forma simplificada de um polinômio: uma sala de aula de tantas outras provoca abertura de possíveis. Polinômio: por mais simplificado, faz operar um dessemelhante.

Lá do fundo da sala de aula, vêm em tom baixo:

Quase acertei, tia!

Seria um *quase* grito?

Possibilidade de existir vem.

Afirma vida: *quase acertei!*

Corpo vira língua, língua invade corpo. Revira, delira!

Fissuras com polinômio. Nessas fissuras, um tanto de vida é produzida nesse educar.

Escapes. Só há escapes. Modos de vidas outros são inventados.

Quase acertei estremece boca, olho, ouvido, nariz.

Des-educa órgãos e língua e corpo! Faz estranhar um aprender. Cria tensão.

Uma escuta atenta ao viver dispara um tanto de fios: *Quase acertei!*

Escola: lugar de vida?

Escola: lugar de morte?

Um existir aposta na invenção do fortalecimento da vida: *quase acertei!*

Existir com aberturas de possíveis.

Que sentidos produzem um existir, no existir?

Fissuras e arranhaduras produzem outros possíveis.

Arranhaduras que não agridem, mas violentam!

Delírio: *quase acertei!*

Um *quase acertei* devora os modos únicos de habitar uma aula de matemática. Só
matemática?

Quase acertei desmancha fios para produção de outros.

Quase acertei inventa vida com ruídos. Inventa com pipipis, com mais com mais, com
menos com mais, com menos com menos...

Quase acertei cria aberturas de possíveis num educar. Cria educações, cria mundos.

Quase acertei traz um tanto de vida produzida numa sala de aula de matemática.

Quase acertei afirma respiros num existir! Cria outros possíveis: ir numa sorveteria e lá solicitar água com gás para saborear!

Num *quase* amanhecer, ao som do tic tac pendurado na parede do CTI, Ive é acordada pelo enfermeiro para monitorar sua glicemia.

Acorde menina Ive, já são quase seis horas!

Ive e supermercado: invenção!

Ir alcançando paredes cada vez mais próximas ao externo até que, o limite com a vida fora, pular. Nunca ficar em cima do muro; caminhar lento nessa tarefa de escalar, alcançar o topo, descer do outro lado, na mesma linha caminhar, encontrar outra parede, escalar, alcançar, descer. Não hesitar nunca, o momento chegado, o salto. Mesmo escuro, mesmo véu: o salto⁶⁶.

Menina Ive segue com a família para o supermercado fazer a compra do mês. Embora não goste tanto desta tarefa, não teve coragem de negar a companhia para sua mãe. O mês de dezembro inicia com outros ares, com outros modos de viver, com outros alimentos. As tensões deixam a casa revirada. A mãe, um tanto perdida, pergunta a Ive: “o que compramos agora?” Ive sorri e diz: “calma mãe, relaxa, vamos olhar com calma e começar a ler os rótulos das embalagens, aos poucos aprendemos”!

A preferência é por alimentos de menos carboidratos, integrais, frutas... Devagar o caos instalado ganhou um pouco calmaria. Os irmãos de Ive a ajudam nas escolhas também. Família compõe com rótulos de embalagens. Produção num trágico! Doenças deliram! Ive acompanha sua mãe nas escolhas. Tornam-se mais companheiras. Com o quadro de diabetes, isso afeta, também, as escolhas da família. Um coletivo em metamorfoses. Cuidado maior nas escolhas dos alimentos.

Não que a menina não pudesse comer nada com açúcar, mas os alimentos já são outros, abrigam agora determinadas porcentagens de carboidratos, de açúcares, de vitaminas a serem observados... Os rótulos dos alimentos ganham destaque aos olhos, nas mãos e na vida de Ive. Junto a essa vida, uma família ganha outros hábitos, outras aprendizagens.

Ive lembra da orientação feita pela nutricionista: “Leia os ingredientes: deve vir farinha de trigo integral! Se for enriquecida com farinha de trigo integral, não serve, é mistura”! Ive nota: na maioria dos alimentos: farinha enriquecida! Diabetes torcida faz aprender modos outros num existir.

Supermercado delira: lugar de aprendizagem!

Supermercado delira: inventa outro modo de ser família!

Uma família é inventada nas tramas do viver!

Quanto um supermercado ensina?

Num supermercado, uma condição de existir, no existir. Aprende-se a ser família de outros modos. Aprende-se de tantas outras maneiras. Com um supermercado vêm: silêncios, poderes e relações.

Diabetes: doença como condição de existir, no existir: farinha integral, alimentação balanceada, silêncios, jogos do capital... Diabetes torcida: habitar um estado no que acontece, ficar no que vem com o que vem disparando tantos outros modos existir!

Assim, um supermercado e seus ingredientes ganham outro lugar na vida de Ive e de sua família, outros modos de estar, outros modos de produzir vida e abertura de possíveis!

Quanto se aprende num supermercado?

Quanto de vida é criada num supermercado?

Tatu-Bola suspirava, olhando a imensidão.

Corajoso, se jogava para ser Tatu-Balão⁶⁷.

Atividade do dia:

Números Amigos!

*De repente vendo a pipa ser levada pelo vento,
descobriu, feliz da vida,
que era um mágico momento!
O esperto Tatu-Bola não
perdeu seu tempo, não:
se agarrou na rabiola
e voou feito balão⁶⁸!*

ALGUMAS FORMIGAS PODEM ACABAR SE PERDENDO E, PARA SE REENCONTRAR COM O GRUPO, PROCURAM POR UMA TRILHA DE FEROMÔNIO. NESSA JORNADA, PODEM ACABAR ENCONTRANDO O PRÓPRIO RASTRO E TERMINAR ANDANDO EM CÍRCULOS – ATÉ MORREREM DE EXAUSTÃO. O FENÔMENO É MAIS COMUM EM ÁREAS ABERTAS, ONDE O CHEIRO SE DISSIPA MAIS RAPIDAMENTE DO QUE NA FLORESTA E AS CHANCES DAS FORMIGAS PERDEREM A TRILHA, ORIGINAL, AUMENTA.

Um grupo de alunos(as) vai ao quadro para apresentar o tema da aula: *números amigos!*

Os números amigos podem ser entendidos quando dois números se ligam um ao outro por uma propriedade.

É possível dizer que só se dizem amigos na relação.

Cada um desses números é a soma dos divisores do outro, excluindo ele mesmo.

No quadro negro da sala de aula, os destaques vem com os divisores de 220 e os do 284:

- Os divisores de 220, excluindo ele próprio, são: 1, 2, 4, 5, 10, 11, 20, 22, 44, 55 e 110, cuja soma é 284;

- E os divisores de 284, excluindo ele mesmo, são: 1, 2, 4, 71 e 142 cuja soma dá o valor de 220.

Diante dessa atividade, uma questão é lançada pela professora da turma: *quem sabe dizer qual o número é amigo dele mesmo?*

Alguns palpites e risos... O 8? Não...

Joana, uma aluna que ocupa uma das últimas carteiras da sala de aula, diz: *é o 6 professora: porque olha só, a soma dos divisores vai dar ele mesmo, então o 6 é amigo dele mesmo. Os divisores serão o 1, 2, 3 não é?*

Num breve suspense, professora confirma:

Isso mesmo, Manu! Parabéns!

Ela comemora sua resposta ao desafio.

Uns brincam: *é uma CDF essa menina!*

Uma voz no fundo da sala:

“Nossa tia, amigo é raro até nos números, hein!”

Risos inundam o clima da sala de aula e o corte dela vem pelo sinal da escola.

Fim da aula de Matemática.

Regra: números amigos: soma de divisor.

Delírio: relação, não mais regra!

*Frente ao precipício, como estratégia de sobrevivência, como
administração do risco...*

Equilibra-se por necessitar sobreviver?

*Equilibra-se por calcular as equidistâncias, por alcançar ponto
médio,*

*na conquista de um porto seguro, ou equilibra-se por andar
cambaleante,*

por maleabilidade do corpo, por corpo em movimento?

Na rigidez há equilíbrio?

*Nas extirpações pavorosas há equilíbrio? Sob a hegemonia do
medo há equilíbrio?*

*Seria o equilíbrio da ordem dos excessos, dos desvarios, das
tentativas?*

Existem graus no equilíbrio? Mais ou menos equilibrado...

Quanto de paixão suporta o equilíbrio?

Quanto na paixão suporta o equilíbrio?

Lance de dados no acaso...

*A vida como equilíbrio, como linha cambaleante entre o caos
e ordem⁶⁹.*

Delírios:

No CTI: um celular!

No CTI: Wilson cantarola e conta histórias para Ive!

Na sala de aula de matemática: “A Guerra dos Tronos”!

Na sorveteria: Ive e água com gás!

Na atividade matemática: Leonardo, gráfico na horizontal!

Na lousa: Daniel!

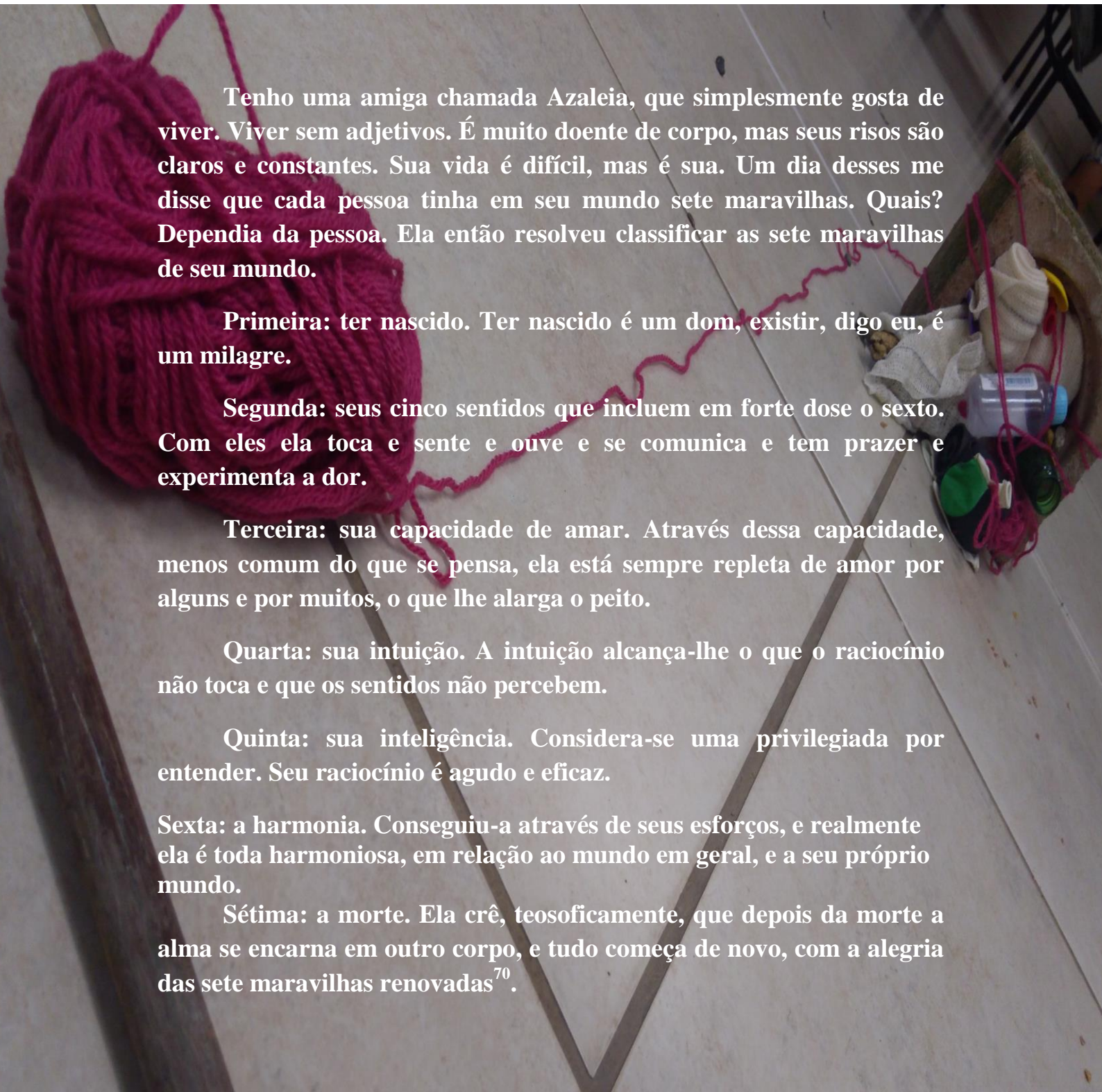
Aula de quadrado mágico: regra é regra!

Polinômios: quase acertei!

Um supermercado: lugar de aprendizagem e invenção de

modos de existir!

As maravilhas de cada mundo



Tenho uma amiga chamada Azaleia, que simplesmente gosta de viver. Viver sem adjetivos. É muito doente de corpo, mas seus risos são claros e constantes. Sua vida é difícil, mas é sua. Um dia desses me disse que cada pessoa tinha em seu mundo sete maravilhas. Quais? Dependia da pessoa. Ela então resolveu classificar as sete maravilhas de seu mundo.

Primeira: ter nascido. Ter nascido é um dom, existir, digo eu, é um milagre.

Segunda: seus cinco sentidos que incluem em forte dose o sexto. Com eles ela toca e sente e ouve e se comunica e tem prazer e experimenta a dor.

Terceira: sua capacidade de amar. Através dessa capacidade, menos comum do que se pensa, ela está sempre repleta de amor por alguns e por muitos, o que lhe alarga o peito.

Quarta: sua intuição. A intuição alcança-lhe o que o raciocínio não toca e que os sentidos não percebem.

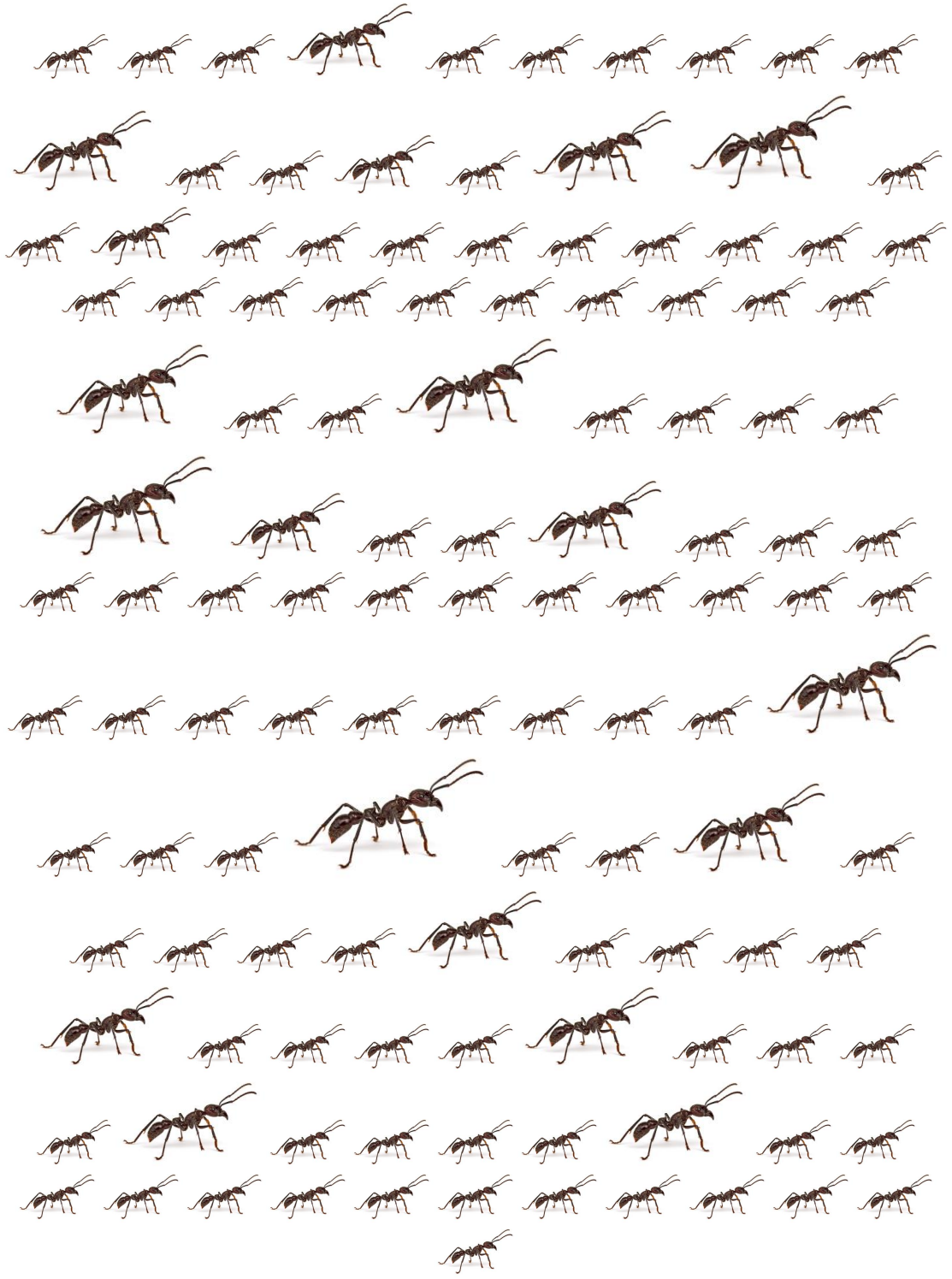
Quinta: sua inteligência. Considera-se uma privilegiada por entender. Seu raciocínio é agudo e eficaz.

Sexta: a harmonia. Conseguiu-a através de seus esforços, e realmente ela é toda harmoniosa, em relação ao mundo em geral, e a seu próprio mundo.

Sétima: a morte. Ela crê, teosoficamente, que depois da morte a alma se encarna em outro corpo, e tudo começa de novo, com a alegria das sete maravilhas renovadas⁷⁰.

Por ora: silêncio [Ou, que vem com delírio?].

... **Por ora: I (n) V E (n ç õ e s)** ...



...

Encontros com:

AZEVEDO, Fernanda de Oliveira; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. *Inventem um Calendário: fabulações produzindo elo entre a vida e a ficção*. Bolema. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso), 2017.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2004.

BARROS, Sônia. *Tatu-Balão*. Il: de Simone Matias. B.H: Aletria, 2014. 36 p.: il.

BELCAVELLO, Maria Paula Pinto dos Santos. *Cinemaquinação: entre montanhas e vale, um sobrevoo*. Juiz de Fora: UFJF, 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

BIANCHINI, Edwaldo. *Matemática: 7ª. Série.* / Edwaldo Bianchini. – 3ª ed. Ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 1991.

BRUN, Jean. *A mão e o Espírito*. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Edições 70. Janeiro, 1991.

CARVALHO, Fabrício da Silva Teixeira. *De volta, a Terra*. Fabrício da Silva Teixeira Carvalho (organizador). Textos: Travessia, Grupo de Pesquisa. Juiz de Fora, MG: FUNALFA, 2017. 54 p.: il.

CHAVES, Flávio Loureiro. Perfil de Riobaldo. In Coleção Fortuna Crítica 6 - Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*. Mitos, sonhos costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema, 1982.

CLARETO, Sônia Maria. *Escrita acadêmica maquinando formações*. Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil), v. IX p. 295-302, 2015.

CLARETO, Sônia Maria.; SILVA, Aline Aparecida da. *Quanto de Inusitado Guarda uma Sala de Aula de Matemática? Aprendizagens e erro*. Bolema, Rio Claro, v. 30, n. 56, p. 926 – 938, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bolema/v30n56/1980-4415-bolema-30-56-0926.pdf>. Acesso em: 18/09/2018.

COSLEI, Alexandre. Brasília. *Diabetes*. 2016. In: ARAUJO, Gustavo. *Devaneios Improváveis* - Terceira antologia dos melhores textos do site desafios literários de 2016, *Entrecontos*.

DELEUZE Gilles.; PARNET, Clair (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.

DELEUZE Gilles.; GUATTARI, Félix. 2011. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2 / Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: ed. 34, 2011, p. 4-113 (Coleção Trans).

- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. (1995a). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. (Trad. De Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão). São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1980).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. (Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão) São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 2. (Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão) São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?*. 2. ed. Tradução B. Prado Júnior e A.A. Nuñez. São Paulo: Editora 34, 1997c.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. 2. ed. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 129-270.
- DELEUZE, Gilles. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997b.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FERNANDES, Filipe Santos. *A quinta história: composições da educação matemática como área de pesquisa*. 2014. 233 f. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2014.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. — 8a ed. — São Paulo: Martins Fontes, Coleção tópicos, 1999.*
- GALLO, Sílvio. *As múltiplas dimensões do aprender... In: Anais COEB 2012: Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo Florianópolis 2012*. Pp. 01-10. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf. Acessado em: 10 de maio de 2016.
- KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.
- KASTRUP, Virgínia. *Políticas cognitivas na formação do professor: o problema do devir-mestre*. In *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1287, 2005.
- KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia.; PASSOS, Eduardo. *Políticas da Cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. *Movimentos-funções no dispositivo na prática da cartografia*. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76-91.

LACERDA, Nilma Gonçalves. *Manual de Tapeçaria*. – Rio de Janeiro: Revan, 2001, 3ª. Ed, janeiro de 2006. 232p.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Danças, piruetas e mascaradas. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LARROSA, Jorge. *20 minutos em la fila: sobre experiência, relato e subjetividade em Imre Kertész*. Boletim de Educação Matemática, v. 28, n. 49, p. 717-743, ago. 2014.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. 2002. Vol. 19. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSAON DIA.pdf (Acesso em: 20/01/2017).

LEITE, Marcos Vinícius. *Como corpo lançado em sala de aula tornou-se patas ao chão, língua ao vento - Cartas, passeios e peles em aulas de filosofia*. Juiz de Fora: UFJF, 2016. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

LISPECTOR, Clarice. As três experiências. In: *Seleção de Renato Cordeiro Gomes*. Rio de Janeiro. Olympio; Brasília, INL, 1975, p. 15-16.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Crônicas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. 2004. *Aprendendo a viver*. Crônicas. Rio de Janeiro. Ed.: Rocco, 2004. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-aprendendo-a-viver-clarice-lispector-em-pdf-epub-e-mobi/> (Acesso em: 05/12/2017).

MATTOS, Zaine Simas. *Narrativas de mulheres das classes populares: modos de subjetivação e educação escolar*. Juiz de Fora: UFJF, 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

NARANJO, Javier. *Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças*. Antioquia. Colômbia. 1999. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/dicionario-feito-por-criancas-revela-a-adultos-um-mundo-que-ja-esqueceram/>(Acesso em: 22/03/2017).

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. [Tradução: Paulo César de Souza]. Companhia de Bolso. São Paulo, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. [Tradução Heloisa da Graça Burati]. São Paulo: Rideel. Biblioteca Clássica, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Ed. Escala. São Paulo. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-66/ 2007.

OLIVEIRA, Marta. Elaine de. *Palavra de Ordem em Aula de Matemática: o erro e a besteira*. Bolema, Rio Claro, v. 31, n. 58, p. 629 – 641. Ago. 2017.

PAIXÃO, Leiliane Aparecida Gonçalves. Sala de aula como exercício numa pesquisa de Educação Matemática: um encantamento em sala de aula seria possível? In: ROTONDO, Margareth; AZEVEDO, Fernanda de Oliveira; CAMMAROTA, Giovani. *Experimentações em educação matemática: entre oficinas e salas de aula* (no prelo).

PEIXOTO, Carlos Augusto Peixoto. *Algumas considerações nietzschianas sobre corpo e saúde*. Rio de Janeiro, 2010 (Revista Interfac - Comunicação, saúde e educação).

PESSOA, Fernando. Obra Poética. *O guardador de rebanhos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PONTE, João Pedro da; BROCADO, Joana. OLIVEIRA, Hélia. *Investigações Matemáticas na Sala de Aula* Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2003 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Don Riobaldo do Urucuia, Cavaleiro dos Campos Gerais*. In: Coleção Fortuna Crítica 6 - Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 5. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

ROOS, Ana Paula. *Nunca se sabe como alguém aprende...* In: II Colóquio Franco-brasileiro de Filosofia da Educação - O Devir-mestre: entre Deleuze e a Educação, 2004, Rio de Janeiro. CD-ROM, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento.; MAROCCO, Tamiris Taroco. *Dispositivo Experimentoteca de Matemática: produção na imanência*. Bolema, Rio Claro (SP), v. 29, n. 51, p. 90-109, abr. 2015.

ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. *Matemática: Tensão entre pensamento e formação*. In: 37ª Reunião Nacional da ANPED. UFSC, Florianópolis/SC. Out. 2015.

ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. *O que pode uma escola? Cartografias de uma escola do interior brasileiro*. Rio Claro: UNESP, 2010.159 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. *Caminhada pelo abrigo da vida-escola: a(travessa)ndo umas orações*. In: CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth

Aparecida Sacramento; VEIGA, Ana Lygia V. Schil. (Org.). Entre composições: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: UFJF, 2011, v., p. 167-196.

ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento.; CAMMAROTA, Giovani; AZEVEDO, Fernanda de Oliveira. (Org.). *Experimentações em educação matemática: entre oficinas e salas de aula*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019, no prelo.139p.

SILVA, Aline Aparecida da. *Aprendizagens em uma sala de aula de matemática*. Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

SILVA, Aline Aparecida da. *Por qual fio se inicia uma escrita de uma sala de aula de matemática?* Linha Mestra, n.27, ago.dez.2015. p. 281 – 284. Disponível em: https://linhamestra27.files.wordpress.com/2016/02/38a_aline_aparecida_da_silva_por_qual_fio_se_inicia.pdf.

SILVIA, Ana. *Blog: Diário de Biologia*. Ana Sílvia. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/2015/06/preste-atencao-ter-formigas-passeando-pelo-vaso-sanitario-pode-ser-um-indicativo-de-que-alguem-na-sua-casa-esta-com-diabetes/>. Acesso em: 18/05/2017.

SAMPEX, Desentupidora e Dedetizadora. *BLOG: Sampex Desentupidora e Dedetizadora*. São Paulo. 2015. Disponível em: <http://www.sampexdesentupidora.com.br/blog/curiosidades/10curiosidades-sobre-formigas/>. Acesso em: 18/05/2017.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem: educar*/Carlos Skliar; tradução Giane Lessa. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido/coordenadores Jorge Larossa, Walter Kohan).

TADEU, Tomaz. *A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 47-57, jul./dez. 2002.

VEIGA, Ana Lygia Viera Schil da. *Fiar a Escrita: Políticas de narratividade – exercícios e experimentações entre arte-manual e escrita acadêmica*. Um modo de existir em educação inspirado em uma antroposofia da imanência. 2015. 552 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2015.

¹ Fala de Paulina Uribe (10 anos) na obra NARANJO, 1999, p. 91.

² Ao longo do trabalho aparecerão alguns trechos semelhantes a estes que dizem com formigas. Disponível em: <http://www.sampexdesentupidora.com.br/blog/curiosidades/10curiosidadessobreformigas/>. Acesso em: 18/05/2017.

³ DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 25.

⁴ SKLIAR, 2014, p.18.

⁵ SILVIA, 2015. Texto inspirado junto ao blog de autoria da Biomédica Ana Sílvia. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/2015/06/preste-atencao-ter-formigas-passeando-pelo-vasosanitario-pode-ser-um-indicativo-de-que-alguem-na-sua-casa-esta-com-diabetes/>. Acesso em: 18/05/2017.

⁶ COSLEI, 2016, p. 76.

⁷ LACERDA, 2006, p. 166. *Muitas vezes*: inserção.

⁸ Atividade planejada durante a pesquisa “*Formação de professores que ensinam matemática: produção do conhecimento matemático através do dispositivo-oficina e seus efeitos no ensino e na aprendizagem da matemática na escola*” (CAPES/FAPEMIG - Processo APQ-03416- 12).

⁹ DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995a, p. 11.

¹⁰ DELEUZE, 2006, p. 146.

¹¹ DELEUZE, 2006, p. 147.

¹² Segundo Oliveira (2017).

¹³ SKLIAR, 2014, p. 47.

¹⁴ BRUN, 1991, p. 128-129.

¹⁵ Elis Regina canta *O bêbado e o equilibrista*. Canção de Aldir Blanc parceria com João Bosco. Canção completa em: <https://www.vagalume.com.br/elis-regina/o-bebado-e-a-equilibrista.html>. Acesso em: 10/07/2017.

¹⁶ SKLIAR, 2014, p. 79.

¹⁷ Fala da Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ribeiro em seu parecer na banca de qualificação do mestrando Cláudio Cabral, do *Travessia*, Grupo de Pesquisa. CHEVALIER; GHEERBRANT (1982).

¹⁸ COSLEI, 2016, p. 76.

¹⁹ DELEUZE, 2006, p. 15.

²⁰ ROSA, 1994, p. 449.

²¹ Encantos com torção do seu sentido. Considerar leitura do artigo: PAIXÃO, Leiliane A. G. *Sala de aula como exercício numa pesquisa de Educação Matemática: um encantamento em sala de aula seria possível?* In: ROTONDO, Margareth; AZEVEDO, Fernanda de O.; CAMMAROTA, Giovani. *Experimentações em educação matemática: entre oficinas e salas de aula*. 1^a. ed. 2019. No prelo.

²² PAIXÃO, 2019, no prelo.

²³ PAIXÃO, 2019, no prelo.

²⁴ PAIXÃO, 2019, no prelo.

²⁵ BARROS, 2004, p. 29.

²⁶ NIETZSCHE, 1995, p. 41.

²⁷ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14 apud ROTONDO; MAROCCO, 2015, p. 92.

²⁸ FERNANDES, 2014, p.43.

²⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 2.

³⁰ Fala da Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ribeiro em seu parecer na banca de qualificação do mestrando Cláudio Cabral, do *Travessia* Grupo de Pesquisa. Referência da obra CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982.

³¹ DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 2.

³² BARROS, 2004, p. 55.

³³ DELEUZE, 1997, p. 114.

³⁴ SILVA, 2016, p. 32.

³⁵ SILVA, 2016, p. 31.

³⁶ NIETZSCHE, 2005, p. 14.

³⁷ CHEVALIER; GHEERBRANTD, 1982, p. 447.

³⁸ NIETZSCHE, 2005, p. 80.

³⁹ SKLIAR, 2014, p. 79.

⁴⁰ COSLEI, 2016, p. 77.

⁴¹ NIETZSCHE, 2000, p. 66.

⁴² DELEUZE, 1992, p.123, grifo nosso, apud ROTONDO, 2010, p. 94.

⁴³ DELEUZE, 1987, p. 95.

⁴⁴ Fonte da pesquisadora.

⁴⁵ Imagens realizadas durante as disciplinas, do curso de Mestrado e de Grupo de Estudos, ajudam a compor o trabalho. A 1ª imagem, o Grupo experencia a proposta *Quem sou eu?* disparada pelo *Travessia*, Grupo de Pesquisa, junto às leituras de Deleuze e Guattari se aproximando da discussão máquina abstrata da Rostidade e do sistema buraco-negro-muro branco; na 2ª imagem, exercitamos um movimento na disciplina de Mestrado “Sala de aula e o pesquisar em educação” (ministrada pelas professoras doutoras Margareth Ap. S. Rotondo e Sônia Maria Clareto). A aula foi disparada por Cláudia Meireles, mestranda em educação pelo PPGE, no qual nos lançamos ao encontro de alinhar e costurar e inventar outras produções com recortes do Livro *Mil Platôs 5* (Capitalismo e Esquizofrenia de Deleuze e Guattari); já a 3ª proposta, também, na aula citada, cada aluno e aluna levou um objeto a pedido das professoras, que foram se abrindo ao encontro. A atividade compôs com objetos, filosofias, estudos, livros, poesia, música, e e e...

⁴⁶ Escrita disparada pelos efeitos da Oficina *Experimentações com Matemática e Formação – Jogos e Escrita Narrativa* ministrada por: Prof^a. Dra. Margareth Rotondo; Prof^a. Dra. Sônia Maria Clareto e Prof. Ms. Giovani Cammarota Gomes – realizada nos dias 25 e 26 de agosto de 2017 – na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴⁷ DELEUZE, 1987, p. 95.

⁴⁸ ROTONDO; CAMMAROTA; AZEVEDO, 2019, no prelo.

⁴⁹ Ver leitura da obra: ROTONDO; CAMMAROTA; AZEVEDO, 2019, no prelo.

⁵⁰ Indica-se para leitura Deleuze e Guattari, quando trazem em *O que é filosofia?* o abrigo, segundo Lawrence.

⁵¹ Indica-se o artigo: *Matemática: Tensão entre pensamento e formação* (ROTONDO, 2015).

⁵² Elis Regina canta *O bêbado e o equilibrista*. Canção de Aldir Blanc parceria com João Bosco. Canção completa em: <https://www.vagalume.com.br/elis-regina/o-bebado-e-a-equilibrista.html>. Acesso em: 10/07/2017.

⁵³ KASTRUP, 1999, p. 23.

⁵⁴ Efeitos da Oficina *Experimentações com Matemática e Formação– Jogos e Escrita Narrativa* ministrada por: Prof^a. Dra. Margareth Rotondo; Prof^a. Dra. Sônia Maria Claretto e Prof. Ms. Giovani Cammarota Gomes – realizada nos dias 25 e 26 de agosto de 2017 (Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora).

⁵⁵ Material didático inventado (1883) pelo matemático Edouard Lucas. Inspirado na lenda hindu, que fala de um templo onde existia uma torre sagrada do bramanismo, cuja função era melhorar a disciplina mental dos jovens monges. No templo, debaixo da cúpula que marcava o centro do mundo, há uma placa de bronze sobre a qual estão fixadas 3 hastes de diamante. Em uma delas, o deus Brama, no momento da criação do mundo, colocou 64 discos de ouro puro, de forma que o maior ficasse sobre a placa de bronze e os outros decrescendo até chegar ao topo. A atribuição que os monges receberam foi de transferir a torre formada pelos discos de uma haste para outra, usando a terceira como auxiliar com as restrições de movimentar um disco por vez e não colocar um disco maior sobre o menor. Os monges deveriam trabalhar com eficiência, pois, quando terminassem o trabalho, o templo seria transformado em pó e o mundo acabaria.

⁵⁶ Este material pode ser composto por uma base, na qual são afixados três bastões em posição vertical e discos de diâmetros decrescentes perfurados ao meio que encaixam nos bastões. Podem ser, também, de E.V.A., cartolina ou papelão. Os bastões podem ser substituídos por pontos marcados na base. Outro ponto importante é procurar fazer o menor número de movimentos ao transportar os discos. Pode-se começar a passar três discos, depois aumentar para quatro discos e, assim, sucessivamente e registrar esses movimentos para discutir no coletivo (ROTONDO; CAMMAROTA; AZEVEDO, 2019, no prelo).

⁵⁷ SKLIAR, 2014, p. 45.

⁵⁸ BARROS, 2004, p. 57.

⁵⁹ BIANCHINI, 1991, p. 28.

⁶⁰ A discussão enfrentada no texto aproxima-se com a obra de Deleuze, *Diferença e Repetição* (2006, p. 368) quando o autor faz referência a quatro raízes da produção do pensamento representativo: identidade, semelhança, oposição e analogia.

⁶¹ BIANCHINI, 1991, p. 28.

⁶² BIANCHINI, 1991, p. 29.

⁶³ BIANCHINI, 1991, p. 29.

⁶⁴ BIANCHINI, 1991, p. 29.

⁶⁵ COSLEI, 2016, p. 77.

⁶⁶ LACERDA, 1948, p. 184.

⁶⁷ BARROS, 2014, p. 9.

⁶⁸ BARROS, 2014, p. 21.

⁶⁹ LEITE, 2016, p. 41.

⁷⁰ LISPECTOR, 2004, p. 51.